

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

VERA LÚCIA PEREIRA DOS SANTOS

**O USO DAS MEMÓRIAS E DO JOGO DO TEMPO NA BUSCA DE
PERTENCIMENTO EM MINHA ESCRITA DRAMATÚRGICA AUTOFICCIONAL:
“UMA QUESTÃO DE VIDA”, “FILHA ILEGÍTIMA” E “DE MORTE E DE VIDA”**

Porto Alegre/RS
2º semestre de 2023

VERA LÚCIA PEREIRA DOS SANTOS

**O USO DAS MEMÓRIAS E DO JOGO DO TEMPO NA BUSCA DE
PERTENCIMENTO EM MINHA ESCRITA DRAMATÚRGICA AUTOFICCIONAL:
“UMA QUESTÃO DE VIDA”, “FILHA ILEGÍTIMA” E “DE MORTE E DE VIDA”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Teatro – Escrita Dramatúrgica

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Dias Massa

Porto Alegre/RS
2º semestre de 2023

VERA LÚCIA PEREIRA DOS SANTOS

**O USO DAS MEMÓRIAS E DO JOGO DO TEMPO NA BUSCA DE
PERTENCIMENTO EM MINHA ESCRITA DRAMATÚRGICA AUTOFICCIONAL:
“UMA QUESTÃO DE VIDA”, “FILHA ILEGÍTIMA” E “DE MORTE E DE VIDA”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Teatro – Escrita Dramatúrgica

Aprovado em: ____ de _____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Clóvis Dias Massa – UFRGS (orientador)

Prof. Dra. Camila Bauer Bronstrup – UFRGS

Prof. Dra. Luciana Morteo Éboli - UFRGS

Àquela que me deu a luz e me protegeu enquanto pôde, e cujo amor eu redescobri após mais de seis décadas.

AGRADECIMENTOS

Neste importante momento de minha vida, quero agradecer

A Deus e aos espíritos superiores, pela proteção e força com que sempre me guiaram e ampararam.

À minha mãe adotiva e ao meu pai de criação, pelo amor e orientação.

Aos meus três filhos, seus cônjuges e meu neto, por me incentivarem neste sonho, destacando o auxílio técnico e artístico da minha filha Thaísa e da minha nora Maressa.

Ao meu esposo, por entender meu pouco tempo para me dedicar mais a ele.

Aos demais familiares, pelas palavras de apoio.

Aos colegas de faculdade e amigos, pela admiração demonstrada ante a minha disposição de estudar após os 60 anos de idade.

Ao Professor Doutor Clóvis Dias Massa, por aceitar a incumbência de ser meu orientador, tendo sempre uma palavra de estímulo e paciência ante as minhas limitações.

Aos demais professores do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS com quem tive a honra de estudar, por tantos ensinamentos preciosos ao longo do curso.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por ter mais uma vez me acolhido e me oferecido, apesar de tantas restrições orçamentárias, um ensino de mais alta excelência, público e gratuito.

RESUMO

Este trabalho visa falar sobre o meu processo de escrita em uma trilogia dramatúrgica de autoficção, envolvendo o uso das memórias e do jogo do tempo na busca de pertencimento. De narrativa contemporânea, as três peças escolhidas trazem o eu-épico e o autor rapsodo, e fazem do uso da fragmentação e do jogo do tempo – onde passado e presente se misturam – duas de suas principais estratégias dramatúrgicas.

Palavras-chave: Processo de escrita. Autoficção. Jogo do tempo. Memória. Pertencimento. Eu-épico. Autor rapsodo

ABSTRACT

This study aims to talk about my writing process in a dramaturgical trilogy of autofiction, involving the use of memories and the game of time in the search for belonging. With a contemporary narrative, the three chosen pieces bring the epic self and the rhapsode author, and make the use of fragmentation and the play of time - where past and present mix - two of their main dramaturgical strategies.

Keywords: Writing process. Autofiction. Play of time. Memory. Belonging. Epic self. Rhapsode author.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. BREVÍSSIMAS COLOCAÇÕES SOBRE TEMPO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO	11
2. UMA TRILOGIA DRAMATÚRGICA DE AUTOFICÇÃO	13
2.1. Uma questão de vida	13
2.1.1 Sinopse estendida	13
2.1.2 Processo de escrita e atravessamentos	13
2.2. Filha ilegítima	20
2.2.1 Sinopse estendida	20
2.2.2 Processo de escrita e atravessamentos	21
2.3. De morte e de vida	26
2.3.1 Sinopse estendida	26
2.3.2 Processo de escrita e atravessamentos	26
2.4. Nasce uma dramaturga – breves reflexões sobre o meu processo de escrita	31
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICES	
Apêndice A – Texto da peça Uma questão de vida	36
Apêndice B – Texto da peça Filha ilegítima	52
Apêndice C – Texto da peça De morte e de vida	61
ANEXOS	
Anexo A – Certidão de Nascimento de Inteiro Teor	71
Anexo B – Foto de Anilda em Tramandaí – Verão de 1954	72

INTRODUÇÃO

Para começar este trabalho, quero falar um pouco sobre por que eu decidi fazer o curso de Teatro e, mais especificamente, Escrita Dramatúrgica. Sempre gostei de escrever, indo de redações escolares obrigatórias a poemas e contos em que a fantasia corria livre e me libertava em meus sonhos de olhos abertos. Mas a vida tem a mania de nos obrigar a fazer escolhas “práticas”, acorrentando nossas fantasias e fechando os nossos olhos para os sonhos. E assim, décadas se passaram: casei, tive filhos, divorciei, casei novamente e, finalmente, chegou a aposentadoria como servidora pública, acompanhada de estabilidade econômica e financeira. E de um grande vazio...

Então, em 2015, um ano após me aposentar, senti um desejo muito grande de retornar à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, minha querida UFRGS, onde eu já havia me diplomado em Letras, Administração de Empresas e Administração Pública. Mas qual curso escolher? Quando minha filha sugeriu o de Teatro, não hesitei. A ideia de entrar em um mundo oposto àquele em que eu havia trabalhado por mais de 30 anos e poder deixar a minha criatividade fluir me conquistou! Comecei cursando Interpretação Teatral e, com a aprovação da habilitação em Escrita Dramatúrgica, nela ingressei no primeiro semestre de 2019. E a cada exercício em aula, a cada cena escrita, a cada peça concluída, mais aumentava o meu desejo de viajar nesse mundo. Mesmo assim, no início de 2023, quase desisti de concluir o curso em função de estar esgotada física, mental e emocionalmente – em parte pela pandemia do coronavírus, em parte pela dificuldade que foi lidar com as questões abordadas nas três peças que integram este trabalho, que estão entre as quatro últimas que escrevi. Então, com a ajuda de uma terapeuta que me disse “onde tu vês dor, eu vejo amor”, reuni todas as minhas forças decidi fazer o Estágio de Dramaturgia e o Trabalho de Conclusão de Curso, o temido TCC.

Cabe agora explicar porque escolhi minhas peças de autoficção para o meu TCC: pelo mesmo motivo que me fez escrever *De morte e de vida* para o meu estágio, ou seja, “para não apenas parar para pensar, mas também para escrever sobre a minha história”. Mas, longe de pretender escrever uma autobiografia – que, para o escritor francês Serge Doubrovsky (1928 – 2017), criador do termo “autoficção” em 1977, “é um privilégio reservado aos importantes deste mundo, no

crepúsculo de suas vidas, e em belo estilo” –, escolhi algumas passagens da minha vida, as quais eu achava um tanto peculiares, diferentes da trajetória da maioria das pessoas com quem convivi – ou ainda convivo – nas minhas mais de seis décadas de existência neste planeta. A essas passagens reais – que nem sempre tiveram mantida uma fidelidade cronológica – acrescentei detalhes criados pela minha imaginação visando dar à minha narrativa uma maior intensidade, característica dos textos de autoficção. Assim, não retrato toda a minha vida de forma linear, relatando fatos como aconteceram, mas antes uso de minha prerrogativa de autora e apresento uma narrativa onde o factual e o ficcional se misturam, se confundem e se complementam.

Em um primeiro momento, minha ideia era usar apenas “*De morte e de vida*” para este trabalho. Entretanto, quando comecei a escrevê-lo, percebi um elo fundamental entre ela, “*Uma questão de vida*” (APÊNDICE A) e “*Filha ilegítima*” (APÊNDICE B), duas outras peças minhas: eu. Eu-autora, eu-protagonista, eu-narradora, numa múltipla projeção ficcional de mim. Eu e o tempo. Eu, o tempo e as memórias, as que eu tinha e as que eu criei. Eu, o tempo, as memórias e a minha necessidade de pertencer.

Em “*De morte e de vida*” (APÊNDICE C), minha terceira peça de autoficção, divido o protagonismo com minha mãe biológica. Busco reencontrá-la buscando me encontrar, me sentir parte de alguém, de uma história... Volto no tempo e me sinto acolhida em seu ventre. Escuto-a me contando suas memórias e delas me aproprio. É a minha história antes de eu nascer e antes de eu ser concebida. “Lembro, logo pertença” significa mais do que “penso, logo existo”, para mim.

Primeira de minhas peças autoficcionais, “*Uma questão de vida*”, retrata, com as lentes da ficção, meu primeiro casamento – já em ruínas – e sua rotina sufocante sendo abalada pela gravidez da nossa filha adolescente. Protagonista e autora da peça, nela também jogo com o tempo, usando a intercalação do presente com o passado como um dos recursos de escrita para mostrar características do casal e trazer, através de suas memórias, fatos que marcaram nossas vidas.

A segunda peça nessa linha é “*Filha ilegítima*”, inspirada no rótulo que ganhei ao ser lavrada a minha certidão de nascimento, rótulo esse que somente chegou ao meu conhecimento quase seis décadas depois, deixando-me perplexa ante seu

preconceito e crueldade. A leitura dos fatos oficialmente registrados é mesclada com momentos decisivos da minha vida, como a cena fictícia do meu nascimento e diversas memórias minhas – algumas reais, outras nem tanto...

O jogo com o tempo, as memórias e a busca de pertencimento se interligam nesta trilogia dramaturgica escrita com o coração, três peças carregadas de emoção que misturam ficção e realidade.

1. BREVÍSSIMAS COLOCAÇÕES SOBRE TEMPO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO

Antes de iniciar a análise do meu processo de escrita dramatúrgica, julgo pertinente trazer algumas colocações sobre tempo, memória e pertencimento, não apenas na criação literária em geral, mas também sob um enfoque filosófico, sem a pretensão de me aprofundar nesse aspecto.

No tomo 3, *O tempo narrado*, de sua trilogia *Tempo e narrativa*, Paul Ricœur diz ser a estrutura discordante-concordante do tempo o precioso achado de Agostinho, mas que, ao focar-se nela, não foi avaliada a extensão das aporias do tempo. Afinal, o que é o tempo? Ele pode ser medido, para além do que relógios e calendários fazem? Paul Ricœur diz, no capítulo *Tempo da alma e tempo do mundo – o debate entre Agostinho e Aristóteles*, que

O maior fracasso da teoria agostiniana foi não ter conseguido substituir uma concepção cosmológica por uma concepção psicológica do tempo, apesar do inegável progresso que essa psicologia representa relativamente a qualquer cosmologia do tempo. A aporia consiste precisamente em que a psicologia se junta legitimamente à cosmologia, sem, no entanto, poder deslocá-la e sem que nem uma nem outra, tomadas separadamente, proponham uma solução satisfatória para sua insuportável dissensão.

Agostinho não refutou a teoria essencial de Aristóteles, a teoria da prioridade do movimento sobre o tempo, embora tenha dado uma solução duradoura para o problema que o aristotelismo deixou em suspenso, o da relação entre a alma e o tempo. (RICŒUR, 2010, p. 15)

Para mim, essa distinção entre tempo da alma e tempo do mundo, ou entre um tempo psicológico e um tempo cosmológico, faz todo sentido, e fica clara na maioria das criações literárias e dramatúrgicas, dando a elas um atrativo ao serem lidas ou assistidas. E sua relação com a memória não pode ser subestimada. Katia Canton, no capítulo *Memória como agente de resistência*, diz:

A memória, condição básica de nossa humanidade, tornou-se uma das grandes molduras da produção artística contemporânea, sobretudo a partir dos anos 1990. Nesse momento, proliferam obras de arte que propõem regimes de percepção que suspendem e prolongam o tempo, atribuindo-lhe densidade, agindo como uma forma de resistência à fugacidade que teima em nos situar num espaço de fosforescência, de uma semiamnésia gerada pelo excesso de estímulos e de informação diária. (CANTON, 2009, p. 21)

Se estabelecermos que a existência de memórias está vinculada ao sentimento de pertencimento (sem elas, ele não existe), e que aquelas têm o seu próprio tempo, podemos colocar a memória “graficamente” no centro dessa relação,

da seguinte forma:

TEMPO ⇔ MEMÓRIA ⇔ PERTENCIMENTO

Aqui, cabe novamente citar o que Katia Canton diz:

O tempo contemporâneo surge como um elemento que perfura o espaço, substituindo a sensação de objetivação cronológica por uma circularidade plena de instabilidade. Turbulento, esse tempo parece fugaz e raso. Retira as espessuras das experiências que vivemos no mundo, afetando inexoravelmente nossas noções de história, de memória, de pertencimento. (CANTON, 2009, p. 20)

Em um mundo em que o material – o “ter” – é priorizado, o tempo cosmológico prevalece. Mas quando o “ser” é o que importa, o tempo psicológico mostra sua relevância. Na aporia temporal de que Ricœur nos fala, eles se somam. Uma hora tem 60 minutos e cada um deles tem 60 segundos, mas quanto tempo psicológico essa medição pode conter? Impossível mensurar. Nosso estado emocional, o quanto de informações o mundo vem nos oferecendo – ou bombardeando – a todo instante, fazem com que nossa percepção de tempo varie entre “ele voa” e “ele não passa”. Para fugir desse tempo que voa, obras de arte contemporâneas buscam atribuir-lhe densidade e, assim, suspendê-lo ou prolongá-lo, como disse Canton. De importância irrefutável, o tempo está para a memória assim como a memória está para o pertencimento. Vivamos, pois, o tempo, e “sejamos” nele!

2. UMA TRILOGIA DRAMATÚRGICA DE AUTOFICÇÃO

2.1. Uma questão de vida

2.1.1. Sinopse estendida

Casal de meia-idade, juntos há mais de duas décadas, vivendo, ou melhor, sobrevivendo a uma rotina sufocante nos últimos anos. A tal ponto que sufocou qualquer coisa que pudesse ser chamada de “amor”, se é que algum dia isso existiu entre eles... A esposa busca compensar suas frustrações do casamento no trabalho. Quase diariamente pratica a “máxima” que diz: “quem mais trabalha, mais trabalha”. Tem hora para chegar, mas não para sair. O marido segue a mesma máxima, invertendo-a: como não gosta do que faz, faz o mínimo possível. Trabalha cada vez menos e passa cada vez mais tempo jogando no computador. Ou em pescarias que duram todo um final de semana, principalmente nos feriados. A filha adolescente mora com eles, em seu mundo à parte, de calças e blusões de moletom largos. Em meio à mesmice de sempre, algo que vai mudar radicalmente suas vidas está prestes a acontecer.

2.1.2. Processo de escrita e atravessamentos

“Uma questão de vida” foi concebida quando eu cursava a disciplina de Prática Dramatúrgica, no segundo semestre letivo de 2021. A ideia era transformar um fato real – a gravidez da minha filha adolescente no ano de 2005 – em um texto dramatúrgico que mostrasse um casamento que estava desabando – outro fato real. Já sabendo sobre o que escrever, era necessário definir como fazê-lo.

Embora autora, protagonista e narradora, não me assumi explicitamente como tal. Eu, como personagem da peça, não sou “Vera”, e nem sequer “Esposa” ou “Mãe”: sou “Mulher”, substantivo que traz em si uma definição mais ampla, mais abrangente, quase impessoal. A narração é feita em terceira pessoa, como se eu estivesse de fora do acontecimento, praticamente como se eu não fosse eu mesma. Meu alter ego, talvez... (Mas quem mais, senão eu, saberia tantos detalhes do que aconteceu, incluindo as emoções da Mulher e do Homem?) Por que fiz tais escolhas? Porque se tratava de minha primeira escrita dramatúrgica trazendo uma parte da minha vida, e que obviamente envolvia pessoas próximas a mim. Então,

naquele momento, tive receio de uma repercussão negativa por parte de minha filha e do pai dela, meu ex-marido. Não houve aqui uma escolha estética, de um estilo meu ao escrever, mas a ideia de evitar mais um possível conflito na vida real. E confesso que usar o termo “esposa” – considerando-se o divórcio – me causaria um certo desconforto.

Durante quase toda a peça o tempo é fragmentado, em um jogo no qual há cenas que se intercalam cronologicamente entre presente e passado, algumas vezes para enfatizar a história se repetindo:

(O Homem vira-se totalmente para o computador e recomeça a jogar. A Mulher fica apenas olhando sem dizer nada, sem se mover. Em sua memória, um filme onde qualquer semelhança com fatos reais não é mera coincidência.)

Mulher: Quem sabe tu cancela essa pescaria? Eu não tô me sentindo muito bem. Tô com umas dores estranhas. E só faltam duas semanas pro bebê nascer.

Homem: Então? Faltam duas semanas, não é? Não vai ser justo agora, só pra acabar com a minha pescaria. E eu volto amanhã. Quer saber? Deixa de fricote. Tô indo. A turma tá me esperando lá embaixo. Tchau. *(Uma questão de vida, Quadro V)*

A rubrica acima refere-se a um fato ocorrido no ano de 2005 – ano da narrativa. Já o diálogo que o segue e está sendo lembrado pela Mulher aconteceu, em sua essência, em 1988 (o uso da palavra “*fricote*”, por exemplo, foi real). Do “*Tchau*” ao parto não transcorreram três horas sequer. Memórias do passado tornadas presentes através da escolha do tempo verbal. E o diálogo imaginário abaixo, situado em 2005, quando a Filha está no oitavo mês de gestação, mostra que não há nada de novo no comportamento do Homem:

Mulher *(Criticando o Homem)*: Tu realmente não consegue deixar de ir nessas pescarias, não é? E se o nenê nascer antes da data?

Homem *(Indiferente)*: Não dizem que o raio não cai duas vezes no mesmo lugar? Não vai acontecer de novo. E era só o que faltava eu perder uma chance de pescar com os meus amigos pra “ficar de plantão” porque o bebê pode nascer, logo num feriadão como este. Além do mais, tu *(com um certo desdém)* – aquela que tudo resolve – estará aqui. (...) Até domingo! *(Idem - Quadro X)*

Além da história se repetindo na vida do casal, outro exemplo de repetição visando efeito dramático está no uso da oração ao Menino Jesus, feita no “Quadro Zero” pela “Voz de Menina” que tem medo do escuro, e que, no final do “Quadro Dois”, será reensinada pela Mulher – que foi aquela menina – à Filha, que sente medo da situação em que se encontra, num lapso temporal de mais de 40

anos. Ensinada a rezar e a buscar refúgio na oração desde pequena, a fé torna-se uma de suas características. Sua religiosidade é demonstrada em dois outros quadros: em uma rubrica do III (“*Fecha os olhos e une as mãos em oração.*”) e em outra do X (“*Deitada na maca, a filha grita de dor e chama pela mãe a cada contração. Esta, por sua vez, reza à Virgem Maria, mãe de todas as mães, para protegê-la, enquanto segura fortemente a mão da filha.*”)

Esse uso que faço da repetição não é característica apenas de minha escrita. À página 34 de *Poética do drama contemporâneo*, Jean-Pierre Sarrazac, diz que “a repetição-variação é certamente a mais presente e a mais sensível nas dramaturgias pós 1880”, situando-se “no centro desse novo paradigma do drama”. Ele diz ainda que “a repetição está onipresente na vida do homem moderno – frequentemente sentida como cotidiana e repetitiva”. Ao lançar mão da repetição com fins estéticos em “Uma questão de vida” - e há nesta peça outros exemplos claros tirados da vida real, como o das camisinhas que furaram, primeiro quando da concepção da Filha, e depois, quando ela engravidou – sinto-me enquadrada em outra citação de Sarrazac, esta às páginas 34/35 da mesma obra: “*Tentar conjurar a repetição vivida por uma repetição estética, criadora de variações, parece ser o procedimento central do dramaturgo moderno e contemporâneo.*”

Os doze quadros da peça não seguem uma ordem cronológica e linear, tampouco situam-se no mesmo espaço. O Quadro Zero - provavelmente em um quarto de uma residência, pois a rubrica inicial menciona que “*uma luz tênue permite que se vislumbre o que parece ser um berço grande*” – remonta a mais de quatro décadas antes do fato desencadeador da peça, a gravidez da filha adolescente. Sua escrita aconteceu somente após o final do Quadro II, e visou mostrar a repetição – da vida e, mais especificamente, da oração, que se tornou uma característica da Mulher – como recurso dramatúrgico. Por que colocá-lo no início da peça? Por que não renumerar o I e o II? Talvez para contar a história “a partir do zero”. Talvez para fugir a uma “ordem natural” de contagem que parte do número I. Talvez para trazer o passado para o presente...

No quadro I, a rubrica diz que “*Um casal chega em uma cafeteria de um shopping*”. A Mulher tenta, mas não consegue dizer ao Homem o assunto da conversa que precisava ter com ele. Suas respostas curtas e por vezes enigmáticas

o deixam intrigado, e ao escrevê-las visei aguçar a imaginação e curiosidade do leitor/espectador. Por exemplo, em réplica ao comentário do Homem de que não queria ter que pedir outro café, ela fala que “*outro*” era um bom começo. Estaria ela tendo um caso extraconjugal? Na verdade, neste quadro ainda sequer está claro que os dois são casados. A única certeza que se pode ter a partir do diálogo que travam é que eles não têm exatamente um bom relacionamento.

O Quadro II, cronologicamente anterior ao I, passa-se na “*Sala de estar em um apartamento de classe média*”, e nele é revelada – sem ser contada em palavras – a gravidez da Filha: “*Sem nada dizer, o adolescente finalmente muda a posição dos braços, estendendo o direito à frente do seu corpo. Na mão, uma pequena sacola de presente. A mulher pega a sacola e retira dela uma roupa para recém-nascido. (...)*” Embora não se trate de uma cena totalmente muda, são os gestos e o silêncio, e não as palavras, que se encarregam de dizer o principal – o fato que mudará a vida de toda a família – com toda a eloquência necessária.

O Quadro III descreve poeticamente o caminho percorrido pela Mulher no dia seguinte àquela revelação, sua chegada ao prédio onde trabalhava e seu local de trabalho – esse sem nenhuma poesia. Por que falar dos canteiros floridos, das árvores que abrigam os ninhos dos pássaros e do canto desses? Para fazer um contraste entre toda essa beleza natural com o estado de espírito da Mulher naquele momento. Mesmo sendo eu a autora que narra e protagoniza o drama, há o lapso temporal entre quando o fato aconteceu e quando ele está sendo narrado, o momento de escrita da peça.

Já no Quadro IV há um retorno espaço-temporal ao Quadro I, com um maior distanciamento entre o casal, que fala mas não dialoga. O Quadro V – que não segue cronologicamente o IV, passa-se em uma pequena sala do apartamento, “*iluminada apenas pela luz da tela do computador*”, e o Homem frustra mais uma vez a Mulher ao combinar ir em uma pescaria com amigos no feriadão, esquecendo que ela havia dito que queria ir para a praia. Isso a faz lembrar o dia em que a Filha nasceu, quando, ignorando o estágio gestacional da Mulher, o Homem também fora pescar, e ela foi sozinha para o hospital. Ou seja, se ele não houvesse esquecido que a Mulher queria ir para a praia no feriadão (Quadro V), os fatos do Quadro II (a revelação da gravidez) não teriam acontecido daquela forma. Os acontecimentos do

Quadro V são, portanto, cronologicamente anteriores aos do II.

Saindo do shopping (onde estavam nos Quadros I e IV), o casal está no interior de um táxi no início do Quadro VI. Ao chegarem em seu apartamento, a gravidez da filha é finalmente revelada pela Mulher ao Homem, que à semelhança do que fizera o Adolescente (Quadro II, na mesma sala), não consegue dizer expressamente que a Filha está grávida, e respondendo ao que ele perguntara sobre o conteúdo da sacola (uma roupa de recém-nascido), fala: “*Considerando-se que não menstruo há uns cinco anos e que nossa filha tem dezesseis...*”. Aqui foi usado o modo de informação indireta, nos moldes da classificação apresentada por Ryngaert à página 117 de *Introdução à análise do teatro*, não ao leitor ou espectador (que já sabiam da gravidez desde o Quadro II), mas para o seu parceiro no diálogo.

O Quadro VII dá sequência cronológica ao VI, e inicia com o Homem relembando suas memórias. Sentindo-se preso em um casamento sem amor, insatisfeito com a carreira de professor que havia seguido, termina o quadro dizendo: “*Tudo o que eu quero na minha vida é paz! Paz!*” Paz entendida como sinônimo de não ter obrigação de fazer nada, e poder jogar no computador e ir a pescarias sempre que assim o quisesse.

No Quadro VIII, o início da primeira rubrica: “*Ao longo da avenida os últimos raios de sol iluminam o tapete roxo tecido pelas flores das quaresmeiras.*” traz não apenas a beleza do cenário por ainda passa o táxi que conduz a Mulher e a Filha no retorno de um exame médico, mas também informa a época do ano, pois as quaresmeiras florescem no início de junho, início do inverno. Ante o desespero da adolescente grávida, ela procura consolá-la: “*Calma, filha. Não é uma questão de morte, mas sim uma questão de vida.*” Tal consolo, mais de 15 anos depois, daria origem ao título da minha primeira peça de autoficção.

O Quadro IX é ambientado no deck de um transatlântico e inicia com a Mulher relembando as memórias de sua lua de mel com o Homem e a decisão dela de tentar salvar um casamento prestes a naufragar fazendo um cruzeiro pelo Caribe. Mas já no início da viagem fica claro que sua tentativa estava fadada ao fracasso. Figura de linguagem usada como recurso narrativo, o sol que está se pondo no horizonte é o prenúncio de algo mais do que o final do dia, e antecipa ao leitor/espectador atento o desenlace daquela união desprovida de elos.

Em sequência cronológica, o Quadro X acontece na sala de parto de um hospital, onde apenas a Mulher está com a Filha, pois o Homem, à semelhança do que havia feito 16 anos antes, havia ido pescar com amigos. Então, no Quadro Final, em um quarto do hospital, após procurar tranquilizar a Filha, a Mulher escreve uma carta para o Homem, tomando a decisão que, para ela, representa um recomeço de vida: o término do casamento. “*All's well that ends well*”, como escreveu Shakespeare. E, na linguagem dos jogos de videogame do Homem: “*Game over.*” Agora, dependerá somente dele encontrar a paz que ele tanto queria na vida.

Nos doze quadros – do “Zero”, ao “Final” – de “Uma questão de vida” há a fragmentação do tempo e do espaço, do quando e onde a ação acontece, conforme já mencionado. Eles ora se alternam (do Zero ao V) e ora são sequenciais (do VI ao Final), cronologicamente. Essas alternâncias temporais são acompanhadas de mudanças de espaço. Em relação ao tempo, há também o uso com claras intenções cênicas de “*slow motion*” quando o casal, após uma breve troca de palavras, num curto diálogo, está caminhando em direção à saída do shopping no Quadro IV. Sobre o recurso de “*slow motion*” relacionado a tempo e memória, Kátia Canton, citando o trabalho de Bill Viola, videoartista estadunidense nascido em 1951, escreve em *Tempo e memória*:

Desde o final dos anos de 1970, quando a videoarte tomava corpo no ritmo das novas tecnologias, Viola já se preocupava especialmente com a passagem do tempo e a criação da memória. Grande parte de sua criação artística envolve recursos de *slow motion*, proporcionando a suspensão de um tempo cotidiano e o mergulho em um tempo de arte, isto é, em um tempo do sensível, em que o espectador pode vislumbrar todos os detalhes das cenas, com suas nuances e contradições, ao mesmo tempo em que se vê refletido nas situações da obra e pode refletir sobre elas. (CANTON, 2009, P. 23)

Como já colocado neste trabalho, levar o leitor/espectador à reflexão é um dos meus objetivos ao escrever.

Durante a caminhada, a Mulher pensa em voz alta, e coloca em um monólogo lembranças de anos de sua vida em pouquíssimos minutos. Ela vai fazendo várias associações: o fato de que não havia fila no banheiro (onde tinha ido no final do Quadro I), com haver filas em vários serviços públicos. Diz odiar filas, que era sempre a primeira na fila do ginásio por ser baixinha, que por ser baixinha não pode ser aeromoça e viajar, encontrar outras pessoas e talvez a si mesma. Então, muda a formatação da escrita de prosa para verso, e deixa seus sentimentos fluírem:

“Mas eu não pude, e então acabei
 casando,
 vivendo
mentindo,
 chorando,
 sofrendo,
parindo...
 Agora, às vezes, fico me
 imaginando
 morrendo,
sorrindo.
 E me sinto em paz...”
 (Uma questão de vida - Quadro IV)

Tudo expresso em voz alta, mas o Homem, ao seu lado, não presta atenção e, quando ela para de falar, pergunta: “*Você disse alguma coisa?*” E ela responde: “*Não, não era nada. Não importa.*” (Embora no mesmo espaço físico, estão em universos e tempos distintos. Fica evidente que o casamento deles também está fragmentado.) Sobre essa alternância de monólogos e diálogos, Jean-Pierre Ryngaert escreveu em *Ler o teatro contemporâneo*:

A voga do teatro-narrativa e dos textos monologados, assim como a memória do teatro épico, levam a formas híbridas que alternam diálogos lacônicos e monólogos-afluentes, inflam a réplica transformando-a em tirada sem resposta ou em diálogo monstruoso, em que cada um fala até perder o fôlego sem que se tenha certeza de que ele ainda se dirija a interlocutor cênico, ainda que este seja o caso. (RYNGAERT, 1998 p. 98/9)

Minha escolha estética ao fragmentar a fábula tem a intenção de aguçar a atenção do leitor/espectador, de trazer uma ruptura que interrompa o fluxo cronológico da ação. Mantido esse, haveria uma obviedade não desejada, desinteressante, particularmente até o sétimo quadro. A partir dele, tal fluxo é seguido. Assim, em ordem cronológica, a sequência dos acontecimentos ficaria: Quadro Zero, V, II, III, I, IV, VI, VII, VIII, IX, X e Final. Mas mesmo quando há uma sequência cronológica dos fatos, eles são repletos de memórias, como na rubrica que introduz o Quadro VII, trazendo para o presente o que acontecera no passado do Homem:

(Ele está sozinho na sala, se sentindo desorientado, desamparado e incapaz de entender o que está acontecendo na vida dele. Dezenove anos haviam se passado. Ela era tão linda... Ele gostava dela desde sempre, mas ela não lhe dava a mínima. Até que um dia ele cansou de esperar que ela se decidisse e resolveu casar. Na véspera do casamento ainda tomou coragem e foi falar com ela. Mas ela se fez de desentendida... Então, no dia seguinte, ele disse “sim” ao padre e “não” a si mesmo e aos seus sentimentos. E mentiu no altar, ao prometer amar e respeitar uma outra, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte os separasse...) (Uma questão de vida - Quadro VII)

Se por um lado não sigo a escrita nos termos do drama absoluto, o qual, segundo consta no *Léxico do drama moderno e contemporâneo*, organizado por Jean-Pierre Sarrazac, sob os verbetes “Fragmento/Fragmentação/Fatia de vida, é

centrado, construído, composto na perspectiva de um olhar único e de um princípio organizador; sua progressão obedece às regras de um desdobramento cujas partes individuais engendram necessariamente as seguintes, coibindo os vazios e os começos sucessivos (SARRAZAC, 2013, p. 70)

por outro, não chego no extremo do despedaçamento apresentado por Michel Vinaver em *À procura de emprego*, em que as falas das personagens parecem às vezes desconectadas entre si ao leitor/espectador menos atento. Em *Uma questão de vida* tampouco há uma desconexão nos diálogos, mas antes uma falta de comunicação entre a Mulher e o Homem quando ela tenta conversar com ele.

Entendo, assim, que esta peça tem uma fragmentação homogênea, a partir do que consta sob os mesmos verbetes mencionados no *Léxico* acima citado:

Os fragmentos, por conseguinte, ou são homogêneos ou totalmente heterogêneos. Homogêneos, eles o são na escrita, pelo que falam ou por aquilo a que se referem. Nesse caso, provêm de um mesmo tecido. A fragmentação concerne a um setor limitado; o referente comum garante uma lógica de conjunto. (Idem, p. 74)

O tema – a gravidez da adolescente em meio a um casamento que agoniza – não foi fragmentado, mas o tempo, sim. O tempo de uma gestação que se condensará em minutos. Afinal, como escreveu Jean-Pierre Ryngaert, em *Introdução à análise do teatro*, “os autores são donos do tempo” (Ryngaert, 1995, p. 93). Uma história que pode ser lida e encenada em menos de uma hora, trazendo fragmentos das vidas de dois seres que se uniram fisicamente – a Mulher e o Homem –, geraram um terceiro ser – a Filha –, conviveram em um mesmo espaço, mas não compartilharam seus sonhos.

2.2 Filha ilegítima

2.2.1 Sinopse estendida

Uma expressão em sua certidão de nascimento de inteiro teor abala profundamente uma mulher de 65 anos, deixando-a indignada com o preconceito e a crueldade contidos nela. Dessa indignação nasce “Filha ilegítima”, peça em que ela faz uma análise retrospectiva de sua vida e procura mostrar que um rótulo atribuído

a alguém não determina quem esse alguém se torna. Os fatos registrados naquela certidão ativam sua memória e sua imaginação, transformando-se em uma biografia na qual a ficção traz mais poesia à vida.

2.2.2 Processo de escrita e atravessamentos

No primeiro semestre do ano letivo de 2022, ao cursar Laboratório de Composição Dramatúrgica, usei um documento oficial – minha “Certidão de Nascimento de Inteiro Teor” (Anexo-A) – como base para minha segunda peça de autoficção, “Filha ilegítima”. Nunca tive, porém, a ideia de fazer teatro documentário, apesar do uso dos dados oficiais constantes naquela certidão. Embora a expressão que intitula a peça em tela, usada em relação a mim, tenha sido o gatilho que disparou a sua escrita, não é a letra fria que me moveu, mas o que ela provocou em mim. Mais importante do que os dados que foram utilizados ao longo da peça para sua escrita, é como eu os transformei em partes de minha vida repletas de emoções. Mais do que os fatos assentados em um documento, importam as memórias – reais e imaginárias – e os sentimentos que eles despertaram. Uma dramatização autoficcional.

O diálogo com a funcionária do cartório é fiel ao conteúdo, mas minha reação naquele momento limitou-se a questionar a funcionária por que constava “filha ilegítima” na minha certidão. O que escrevi na peça visou dar um efeito mais dramático à Cena I, mas sinto como se tivesse acontecido exatamente assim:

Vera (Não consigo seguir a leitura. Retrocedo.): “filha ilegítima...” Como assim, “filha ilegítima”? (Fecho os olhos, aperto-os, numa tentativa de enxergar melhor. Sacudo a cabeça. Abro os olhos. Continua lá.) - “filha ilegítima”. I-l-e-g-í-t-i-m-a. I-le-gí-ti-ma. (Talvez tenham se enganado... Aquele “i” deve ter sido escrito por engano... Dirijo-me à funcionária.) - Desculpe. Por que consta aqui “filha ilegítima”? (*Filha ilegítima* – Ato Único, Cena I)

Igualmente verídica é a pesquisa no Google sobre os possíveis significados do adjetivo “ilegítimo”, bem como de “filho ilegítimo”. Mas, a partir dela, excertos em ordem estritamente cronológica aguçaram a minha memória quanto aos eventos narrados, e deixei minha imaginação fluir livremente. Essa combinação resultou em verdadeiros saltos entre as cenas, em uma escrita em que as rupturas dos acontecimentos tornaram-se a linha condutora do enredo unindo “retalhos” da minha

vida.

O endereço onde se passa a Cena II, bem como o meu parto sendo realizado por Gezilda em Anilda – ocorrido em 28/01/1956 –, desmente o que consta na certidão como meu local de nascimento e remete à falsidade do testemunho de Emílio e José – prestado em 18/02/1963 – também quanto à identidade da minha mãe biológica. Para escrever essa cena, baseei-me no que sempre ouvira falar em relação ao local onde eu havia nascido e quem era Anilda. O diálogo entre minhas duas mães é puramente ficcional, mas não o fato de que a biológica sabia estar doente e que sua morte não tardaria. Questionada por Gezilda sobre o nome que daria à sua filha, antes de dar a resposta, Anilda disse: “*Que muito em breve vai ser tua...*”, a menos que acontecesse “*um milagre*”, o que não aconteceu.

A Cena III, um monólogo meu, face a face com o espectador, no tempo presente da narrativa da peça, veio complementar a II e trazer mais elementos que ajudassem a esclarecer o início da minha vida e contar o pouco que eu sabia sobre a Anilda a partir de relatos esparsos que ouvi na minha infância e adolescência, feitos pela minha irmã de criação, filha biológica da Gezilda. Sobre o monólogo, Ryngaert diz em *Ler o teatro contemporâneo* que ele

pode ser considerado como uma espécie de limite da escrita dramática, às vezes irritante pelo narcisismo que desvela quando é tratado com ingenuidade, ainda que frequentemente fascine o público pelo sentimento de risco assumido pelo ator.

“Mas o monólogo é uma espécie de forma primeira do teatro. Jean-Pierre Sarrazac, em *L’Avenir du drame*, fez da palavra “rapsode” uma das chaves de sua reflexão, lembrando que este era o “nome dado aos que iam de cidade em cidade cantar poesias e sobretudo fragmentos extraídos da *Ilíada* e da *Odisseia*”. Essa capacidade de recitar fragmentos “despregados” e às vezes “recosturados” e como que “remendados” é reexplorada com liberdade pelos autores contemporâneos. (RYNGAERT, 1998, p. 94)

Na Cena IV retomo a sequência da minha certidão de nascimento em que consta o nome de meu pai de criação, Emílio, que era companheiro de Gezilda quando fui registrada em Viamão. Embalada por lembranças e pela minha imaginação, é com Emílio que eu ando de charrete aos 8 (já órfã de mãe pela segunda vez), aos 9 e aos 10 anos, idade em que finalmente ele me deixa conduzi-la, metaforicamente me preparando para fazê-lo na vida. Nascido no final do Século XIX, ele talvez pressentisse que não veria eu me tornar adulta.

Vera (10 anos): Pai, olha só como eu já tô grande! Hoje o senhor vai do meu lado na charrete, de carona.

Emílio (Bonachão, sorrindo.): Está bem, filha, está bem... Tu já estás quase uma mocinha mesmo. Talvez já seja o teu tempo de aprender a tocar a charrete... (*Filha ilegítima* - Ato Único – Cena IV)

A filha da testemunha José aparece na chácara da Vila Santa Isabel na Cena V para me dar a notícia da morte de meu pai, e o faz de uma forma fria. Talvez por isso minha reação também é fria e, mecanicamente, faço o almoço – com apenas 11 anos, era minha primeira vez – e vou para o ginásio, pois tinha prova e não podia faltar.

Negrinha: Teu pai morreu. Disseram pra tu não í pra escola.

Vera: Eu não posso faltar. Hoje tem prova de matemática.

Negrinha: Disseram pra mim almoçá aqui.

Vera: Tá bem. Deixa eu ver. Tem feijão de ontem. Vou fazer um arroz. Acho que sei... Deve ter ovo no galinheiro. Vou ver. Tem. E tem tomate na geladeira. Tá feito! Feijão, arroz papo, ovos mexidos, salada de tomate. (Louça lavada, banho tomado, uniforme vestido. Vinte minutos a pé até o colégio.) (Idem – Cena V)

Era como se meu cérebro não houvesse processado o que ela falara, ou como se eu não houvesse acreditado nela. Eu certamente não queria acreditar nela... Dispensada pelo diretor do ginásio de fazer a prova, estava assistindo à televisão quando:

Palmas na porteira de novo. São alguns dos meus colegas. Vão entrando... Uma das meninas pergunta: “Onde tão as vela pra velá o homi?” Todos a olham... Silêncio. Eles não ficam muito tempo. Não ofereço uma água sequer... Vou com eles até a porteira. Fico olhando sumirem após a lomba da Dr. Nilo. Às vezes, as pessoas somem de nossas vidas. As minhas mães haviam sumido. O meu pai, o primeiro, o mulato sarará, sumiu antes de aparecer pra mim. Minhas mães e ele nunca reapareceram... Mas meus colegas reaparecem em outra lomba, na Barreto Vianna, já perto do colégio. Que vergonha! Como vou explicar pra todo mundo amanhã que não aconteceu nada, que o pai tá vivo? O sol se põe. Antes da noite cair, minha irmã adotiva chega vestida de preto, com os olhos vermelhos e inchados, e me abraça chorando. Não lembro dela me abraçando antes... nem novamente... (Ibidem)

Meu olhar acompanhou os meus colegas, vendo-os sumirem e reaparecerem entre uma lomba e outra. Minhas mães e meus pais também “sumiram” em momentos diferentes da minha vida para não mais reaparecerem... A cor da roupa da minha irmã e os seus olhos tiveram mais efeito do que a primeira fala da Negrinha. Símbolos dizendo mais do que palavras. A morte de Emílio foi verídica; já o abraço da minha irmã ficou por conta do que eu gostaria que tivesse acontecido.

Há um lapso temporal de onze anos na certidão, de 1963 (quando foi lavrado o meu registro de nascimento) a 1974 (quando fui legalmente emancipada). A Cena

VI é um monólogo que acontece em ambientes externos e internos e se passa em 1974, ano em que ingressei pela primeira vez na UFRGS, o que me permitiu morar na Casa da Estudante Universitária, a CEUFRGS, dois fatos determinantes do rumo que a minha vida ainda teria. Na CEUFRGS eu finalmente era livre para cantar, para usar cabelo “black power” e até uma calça comprida com um coração vermelho escrito “Love” na parte de trás, calça que eu mesma costurei na máquina que havia na casa. À semelhança da personagem *Galy Gay* (“*Um homem é um homem*”, de Bertold Brecht e Elisabeth Hauptmann, 1925), exemplo usado por Sarrazac à pág. 181 de *Poética do drama moderno* (que ao trocar suas roupas pelas de Jeraiah Jip, recusa sacrificar-se), analiso a situação e opto por uma postura de um “sábio com a sabedoria popular” (Idem). Eis aqui o excerto específico dessa parte da cena em tela:

(...) Lá, uma das colegas me ensina a costurar na velha máquina que há na casa – assim como havia uma na casa da Vila Santa Isabel, a qual estragaria se eu fizesse alguma besteira... Águas passadas! Um corte de sarja bege, um zíper, um carretel de linha e... tenho uma calça comprida novinha em folha! Atrás dela, no lado esquerdo, ao invés de um bolso, um coração vermelho com a palavra “Love”. Um verdadeiro escândalo para alguns... Como uma alusão ao amor pode provocar reações negativas? Paciência... Nem Cristo agradou a todos. Sigo usando minha calça de sarja com o coração vermelho na bunda, feliz da vida! Mas, por cautela, não a visto no dia da audiência de emancipação. (Filha ilegítima, Cena VI)

Essas pequenas conquistas foram a minha verdadeira emancipação!

O registro seguinte foi o do meu primeiro casamento: quase 25 anos resumidos em pouco mais de uma folha de ofício na Cena VII. Mas apesar de curto, o texto registra o fato que culminou no casamento (a compra da moto), o nascimento de três filhos, a vida no campo – um sítio em Glorinha, para mim uma espécie de retorno à vida que eu tive na infância em Viamão – e a aprovação em um concurso público federal com as mudanças decorrentes, incluindo a de cidade. Ao final da cena, duas frases de meu monólogo indicam o que viria: “*Todos nós mudamos: as crianças foram mudando à medida que cresciam; nós dois, apenas fomos mudando...*” Cabe ao leitor/espectador refletir e entender o que está nas entrelinhas.

O ato de divórcio lavrado em seguida ao de casamento deu origem à Cena VIII, outro monólogo meu. Sem muito a ser dito, não ocupou nem meia folha. Curto, objetivo, e com uma pitada de sarcasmo – ou talvez apenas a minha forma de sempre ver algo positivo em tudo – é finalizado conforme segue:

Terminar um casamento de quase vinte e cinco anos não é o fracasso do amor, mas antes, a vitória da coragem. Sem mencionar a economia feita com a não realização de uma festa de bodas de prata... (Idem - Cena VIII)

A Cena IX, também um monólogo, é baseada no último assentamento feito na certidão, o meu segundo casamento, fruto da minha decisão de estudar teclado e do meu encanto pelos olhos verdes do professor. (Eu poderia ter, em um exercício de intertextualidade, incluído aqui “Poema de uns olhos verdes”, de autoria do professor Emílio Ribeiro da Silva, o pai que me criou, mas não me deu o seu nome. Aliás, se o tivesse feito, esta peça não teria sido escrita...) Porém, mais do que o casamento, nela eu deixo clara minha ligação com filhos e neto (“[...] *continuo sendo mãe e avó. De meus filhos e neto não pretendo me divorciar.*”), minha sempre presente disposição de estudar (“*Começo um pós-graduação em inglês – ‘estudar nunca é demais’ é um dos meus lemas.*”), e, ao decidir fazer uma nova graduação, a descoberta de uma paixão (“*Minha escolha não poderia ter sido melhor: o curso de Teatro da UFRGS!*”) E, mais importante de tudo, esta cena traz o meu sentimento de superação em relação ao conceito jurídico arcaico de “filha ilegítima”, pois um rótulo que me foi atribuído quando feito o meu registro de nascimento não determinou quem eu me tornei.

Mas Vera Lúcia Pereira dos Santos, a filha que perdeu duas mães e dois pais, que ficou sem família ainda criança, não ficou sem rumo na vida. E segue conduzindo a sua charrete..” (Ibidem – Cena IX)

Eu, *Vera Lúcia Pereira dos Santos*, tornei-me autora e personagem narrando minhas memórias relacionadas ao conteúdo de minha certidão de nascimento de inteiro teor, dando a “*Filha ilegítima*” um caráter épico. Uma “personagem-reflexiva”, conforme definições de Jean-Pierre Sarrazac, que diz que “(...) *a reflexão se destaca da ação, que ela relega para fora do campo do drama constituído pelo passado da personagem*”. (SARRAZAC, 2017, p. 175) Ele diz, ainda: “*É forçoso constatar que a personagem, perdendo o status de herói, e coincidindo cada vez mais com o homem ordinário, passando para o lado neutro, tornando-se o 'homem da Multidão', perdeu também o essencial de suas virtudes ativas.*” (Idem, p. 175/6) E acrescenta que

foi Pirandello quem mais aprofundou e explorou essa dimensão específica da personagem moderna. Com frequência, em suas peças, a diegese substitui a mimese dramática: a personagem não está agindo, mas lembrando-se, rememorando; resumidamente, recitando. (SARRAZAC, 2017, p. 176)

Não sendo eu uma narradora externa aos fatos, a narrativa fica impregnada das minhas emoções. E essa “eu-personagem”, além de reflexiva, é também testemunha de sua própria história, da minha história. Como autora, transformei um documento oficial em um gatilho disparador de memórias, cuja evocação, nos termos de Kátia Canton: *“É também o território de recriação e de reordenamento da existência – um testemunho de riquezas afetivas que o artista oferece ou insinua ao espectador, com a cumplicidade e a intimidade de quem abre um diário.”* (CANTON, 2009, p. 22)

2.3 De morte e de vida

2.3.1 Sinopse estendida

Em 1955, uma grávida descobre que tem pouco tempo de vida pela frente e conta sua história para o feto que carrega em seu ventre. Paralelamente, em 2023, uma mulher de 67 anos – que foi aquele feto – fala com a mãe pela primeira vez, como se pudesse escutá-la e – quem sabe – ser escutada por ela. Ao buscar saber mais sobre sua origem, em um jogo atemporal de autoficção entre o presente e o passado, a autora costura suas histórias e tece novas memórias.

2.3.2 Processo de escrita e atravessamentos

A escrita de “De Morte e de Vida” tornou-se uma necessidade para mim a partir de “Filha Ilegítima”, peça que escrevi inspirada no rótulo que ganhei ao ser lavrada a minha certidão de nascimento, rótulo esse que somente chegou ao meu conhecimento seis décadas e meia depois e que me deixou perplexa ante seu preconceito e crueldade. Na cena fictícia de meu nascimento real, deixei claro que minha mãe sabia que morreria em breve. Então, passei a me questionar como teria sido a minha gestação nas condições em que ela se encontrava. Escrevendo, senti a sua dor, que se tornou minha. E nasceu finalmente em mim o desejo de saber mais sobre aquela que me deu a vida e logo depois morreu. O desejo de ter dela mais do que aquela única foto (Anexo-B) tirada na praia de Tramandaí no verão de 1954, quando eu sequer havia nascido. O desejo de ter memórias dela, ainda que imaginárias, e me sentir parte dela. Uma viagem no tempo, em busca de memórias

que me trouxeram um pertencimento cujo significado e importância eu não imaginava quando comecei a escrever esta peça, ainda no segundo semestre de 2022, na disciplina de Seminário de Composição Dramatúrgica II. A importância foi tal que resolvi usá-la no meu Estágio de Dramaturgia no ano seguinte, fazendo alterações no texto não somente em função das releituras e reflexões decorrentes, mas também seguindo as sugestões da equipe presente quando dos ensaios para a leitura dramática que fez parte da Mostra DAD-IA-UFRGS em agosto de 2023.

Diferentemente de “Uma questão de vida” e “Filha ilegítima”, “De morte e de vida” compõe-se apenas de “Ato Único – Cena Única”. Sem mudar cenário nem quem está na cena. Em um aposento imaginário onde minha mãe conversa comigo em seu ventre. Era assim que eu a via, enquanto escrevia suas falas. E me via como sou agora, estudante de Teatro, interagindo com suas histórias, questionando-a, me solidarizando com ela. Dois monólogos, às vezes quase um diálogo.

Em *Léxico do drama moderno e contemporâneo*, organizado por Sarrazac, no verbete “monólogo”, tem-se que:

O drama é construído em torno de um conflito intersubjetivo (Szondi), numa forma dialogada que marginaliza o monólogo, fala estranhamente solitária. Na dramaturgia tradicional, o monólogo denota uma interrupção da cadeia dialética da ação dialogada que ele prepara, amalgama ou resume. Exerce, portanto, funções épicas e líricas a fim de comunicar informações que escapam seja no aqui e agora do ato enunciativo, seja na esfera “inter-humana”, trazendo à tona o estado interior do personagem. A partir do século XIX, o drama abre-se progressivamente a problemáticas do social e do íntimo que extrapolam necessariamente o conflito interpessoal, acolhendo em seu seio um volume de enunciados que não encontram lugar no diálogo. Nessa nova configuração, o monólogo muda de status e torna-se o espaço aberto de uma fala em busca de interlocutor ou o universo fechado de uma comunicação impossível. Essa mudança de paradigma ataca progressivamente o drama em suas raízes. (SARRAZAC, 2013, p. 95)

“Comunicação impossível?” Apesar de sua morte ter nos separado há 66 anos, estamos juntas novamente, dividindo o mesmo espaço, comungando do mesmo tempo, como se eu retornasse ao lar materno, cuja falta eu abafei por décadas. E por que isso não seria possível, quando estamos no mundo da dramaturgia, podendo nele criar – e por que não, viver – nossas memórias? Graças a esse mundo, Anilda saiu daquela foto do verão de 1954 para contar ficcionalmente, em 1955, o resumo de sua curta – porém, intensa – vida. Escrita autoficcional, ao que eu ouvia ainda quando criança sobre minha mãe biológica somei fatos novos revelados em documentos obtidos em cartórios ou em conversas

com o único irmão com quem mantenho contato. As lembranças que Anilda conta para o feto em seu ventre – eu – apresentam uma sequência cronológica linear crescente: a fuga de casa aos treze anos de idade, a maternidade aos quatorze, os nascimentos sucessivos dos filhos alternados com as partidas e retornos do marido, o abandono definitivo, a luta pelo pão de cada dia, a última gravidez, a descoberta do câncer. Já as minhas falas acontecem em 2023: como se eu fosse espectadora do que Anilda conta, me manifesto a respeito, interagindo com o que escuto. O tempo de Anilda, na minha gestação em 1955, e o meu próprio tempo, escrevendo em 2023 a história dela, tornados concomitantes. “*Os autores são donos do tempo.*” (RYNGAERT, 1996, p. 93). Sim, somos. Embora o que Ricoeur colocou em *Tempo e narrativa*: “(...) por trás de Aristóteles desenha-se toda uma tradição cosmológica, segundo a qual o tempo nos circunscreve, nos envolve e nos domina, sem que a alma tenha potência de produzi-lo” (RICŒUR, 2010, p. 15), como autora lancei mão do tempo da alma de Agostinho e me presenteei esse tempo com minha mãe.

Anilda faz um resumo de 15 anos de sua vida em seis de suas sete falas (dirigindo-se ora ao público, ora a mim em seu ventre), trazendo fragmentos de sua história unificados em um só momento. Eu, autora-narradora-personagem, dirijo-me ao público em quatro de minhas oito falas, para introduzir a peça, para apresentar dados sobre a minha mãe que eu ouvi de meu irmão, e para concluir o texto. Nas outras quatro falas eu me dirijo à Anilda, como se com ela eu dialogasse. Um exemplo disso é quando eu digo: “*Eu só queria saber como foi que tu não deu um fim naquilo tudo, mãe!*”, e ela começa a fala seguinte com: “*Ah, filhinha... como eu queria ter tido coragem pra dizer “basta!”*” À semelhança dela, eu também sigo uma sequência cronológica em todas as minhas falas.

Anilda está contando sua história para o público e para mim em seu ventre, e assim sua fala representa a ação enquanto a minha assume um papel coadjuvante, de apoio ao texto. Nesse aspecto, transcrevo parte do que Ryngaert traz sobre “A fala e a ação”, em *Introdução à análise do teatro*:

“Por uma convenção tácita, admite-se no teatro que todo discurso das personagens é 'ação falada' (Pirandello) ou, em outros termos, que 'falar é fazer'. No entanto, as relações entre as situações de fala e as situações dramáticas variam consideravelmente. Uma personagem fala para agir sobre a outra, para comentar uma ação realizada, anunciar uma outra, lamentá-la, enaltecê-la. A fala de uma personagem organiza sua relação com o mundo no uso que ela faz da linguagem. Distinguem-se geralmente

dois casos mais importantes:

- a fala é ação: o próprio fato de falar constitui a ação da peça (exemplo típico: Beckett);

- a fala é instrumento da ação: ela desencadeia ou comenta a ação (exemplo típico: o teatro clássico).” (RYNGAERT, 1995, p. 103)

Baseada em orientações recebidas nas aulas do DAD, ao escrever procurei observar o tempo das falas, a organização das palavras dando o seu ritmo, a poesia das imagens criadas. Como quando Anilda diz: *“Ele partiu mais de uma vez. E assim como partia do nada, do nada voltava... E eu... eu aceitava... Era coisa de homem. (...).”* Essa fala é introduzida – não por acaso, pois a intertextualidade é um dos recursos dramatúrgicos que busco usar em minha escrita – pelos versos da versão para o português de um famoso bolero (cujo original em espanhol, “Besame mucho”, foi escrito em 1940 pela pianista e compositora mexicana Consuelo Velásquez). Ao final da canção, eles dizem: *“Beija-me, beija-me muito / Como se fosses partir / Para não mais voltar!”* Ela “aceitava” porque lhe diziam que *“Homem que é bem homem não se contenta com apenas uma mulher.”* Traições masculinas eram tidas como normais e aceitas naquela época. Mas ao mesmo tempo, Anilda se revoltava: *“Por que o homem e a mulher não são iguais? Ou melhor, não deveriam ser tratados como iguais, seres humanos, simplesmente?”* Talvez no meio do século XX ela não tenha tido coragem de expressar verbalmente a sua indignação, mas agora eu pude ajudá-la a fazê-lo. E isso me deixa muito feliz!

A ideia de cantarmos “Beija-me muito” juntas – Aline Ferraz (atriz e estudante de Interpretação Teatral no DAD/UFRGS, que interpretou minha mãe) e eu – veio no ensaio final, para trazer uma quebra do lapso temporal entre Anilda grávida de mim e eu adulta. Assim, a rubrica que falava de se ouvir a melodia de karaokê foi reescrita. Esta foi uma das tantas trocas com a equipe presente nos cinco ensaios realizados para a leitura dramática performática do Estágio de Dramaturgia. Outras alterações aconteceram quando, escutando a leitura da Aline e trocando ideias com ela, senti a necessidade de mudar ou acrescentar detalhes, como uma vírgula – influenciando o ritmo – ou uma ou mais palavras – para enfatizar uma ideia –, ou ainda colocar uma rubrica de “silêncio” – daqueles que dispensam as palavras – no meio de uma fala. Foi feita, ainda, a alteração da rubrica que há logo após “Beija-me muito”, na qual foi incluído: *“Anilda tem agora uma expressão de dor em seu rosto, e segura sua barriga como se sentisse uma fisgada”*.

Também houve muitas alterações nas sete “versões finais” desta peça para, procurando seguir as sugestões da minha orientadora no Estágio de Dramaturgia, professora Camila Bauer, tornar o eu-autoral mais presente (assumindo a primeira pessoa) e minha fala mais coloquial (sem tantas regras gramaticais de escrita), bem como aprofundar as características da Anilda enquanto personagem. Ela foi uma mulher que basicamente viveu para seus filhos e para o marido, apesar das evidentes traições dele. Pelos filhos suportou muitas humilhações calada. É preciso ser muito forte para sofrer e ficar calada. E ela diz para mim, em seu ventre: “*Sabe o pão que o diabo amassou? Muito eu comi...*” Sim, é preciso ser muito forte para ficar calada quando te humilham.

Procurei ainda trazer um pouco de misticismo para a história. Anilda conta que seu pai sonhara com o enterro de um anjo, que seria a filhinha dela que havia morrido e em cujo enterro ele não havia comparecido. Supersticioso, ao ver o neto mais novo doente, teme que ele também morra e leva Anilda com todos os filhos para sua casa. Lá, a avó das crianças sabe benzer. E eu, Vera, falo: “*As mulheres mais antigas sabiam benzer contra tudo. E a vó, além disso, conhecia umas ervas milagrosas, que curaram o meu mano.*” Em um texto do século 21, a prática das benzeduras sendo lembrada e valorizada. Os saberes se encontrando...

Uma das minhas preocupações enquanto escrevia a peça era se o público entenderia “*De morte e de vida*”. Eu quero que a primeira fala da Anilda leve as pessoas a se questionarem sobre as perguntas que ela faz sobre ser a gravidez uma benção ou uma maldição, sobre o aborto ser uma opção para ela. Porque levar o público a refletir é uma das funções do teatro, notadamente quando ele é contemporâneo e epicizado, baseado na narração. O verbete “Épico/Epicização”, do *Léxico do drama moderno e contemporâneo* organizado por Jean-Pierre Sarrazac, ao mencionar os Estudos sobre teatro, de Brecht, traz o que segue: “*Num teatro epicizado, mais narrativo, são introduzidas descontinuidade, distância, mensagens, reflexividade: perante a fábula que lhe contam, o espectador deve recorrer à razão. Deve decifrar o sentido dessa fábula, dessa parábola*”. (SARRAZAC, 2013, p. 62)

Considero que a minha busca de pertencimento ao escrever “*De morte e de vida*” foi satisfeita ao levantar – e também criar – memórias da minha mãe biológica. Kátia Canton disse que “*É muito importante preservar a memória. Se não tivermos*

cuidado em preservá-la, perdemos referências e isso não é bom.” (CANTON, 2009, p. 50) As referências que a memória traz dão a nós o senso de pertencimento.

Já em relação aos questionamentos que fiz quanto à influência do estado emocional da Anilda sobre mim, sobre quem me tornei, sei que não os respondi objetivamente. Na verdade, para fazê-lo, precisaria de um estudo e um conhecimento sobre psicologia que não possuo. Mas não me preocupo mais em respondê-los. Porque a única coisa que me importa neste momento é que eu nunca havia me sentido tão próxima da minha mãe como me sinto agora. Graças ao teatro, graças a esta peça... Como se ela tivesse saído daquela foto de 1954 e entrado em minha vida nos dias de hoje. Sinto-me feliz, não somente pelas descobertas sobre ela através das pesquisas feitas, mas principalmente por lhe dar voz, por lhe dar a oportunidade de falar o que, acredito eu, ela sentia. Se eu sempre havia querido ser “a cara dela”, agora eu pude ir além e me tornar “a voz dela”. E também a voz de mulheres que, ainda que não tenham tido uma doença como o câncer quando grávidas, viveram – ou vivem – casamentos onde a traição masculina é a regra, “coisa de homem”... Me sinto feliz também por poder dizer a ela coisas que eu lhe diria na vida real. E por, finalmente, sentir em mim este amor filial por ela, fechar os olhos e, dizer, do fundo do meu coração: eu te amo, mãe!

2.4. Nasce uma dramaturga – breves reflexões sobre o meu processo de escrita

Antes da minha primeira peça de autoficção, eu havia escrito outras cinco que não tinham ligação com fatos reais da minha vida, em que eu não era personagem e nem me assumia como narradora. Todas elas nasceram a partir de exercícios de escrita dramaturgica, dentro do DAD-UFRGS ou fora dele, em oficinas externas. Registre-se que foram principalmente os exercícios práticos e não um conhecimento anterior de todas as teorias citadas neste trabalho que conduziram o meu processo de escrita. (O uso do “slow motion”, por exemplo, foi intuitivo) Assim, aos poucos, fui aprendendo a usar recursos como o jogo temporal trazendo inversões cronológicas, as fragmentações, os sonhos revelando conflitos pessoais, a intertextualidade, a poesia – através do ritmo dado às falas dos personagens ou de imagens descritas em rubricas. Rubricas que são uma das marcas nos meus textos, visando situar o

leitor ou até auxiliar em uma futura encenação. Pararealmente a uma familiarização com essas estratégias e começando a me identificar com o seu uso, passei a escrever peças autoficcionais, como que para “unir o útil” – satisfazer uma necessidade terapêutica – ao “agradável” – transformar em arte eventos doloridos de minha vida. Sou eu, Vera Lúcia Pereira dos Santos, que epicamente narro a minha história e a da minha mãe biológica, qual autor rapsodo. Do meu jeito, fazendo das memórias – ainda que nem todas reais – a matéria prima para escrever sobre coisas que foram e são parte de quem eu me tornei. Memórias que, dentro de um mesmo contexto, são transcritas ora como monólogos, ora como diálogos, dependendo do quanto de desabafo ou da necessidade de ter uma contrapartida houver nelas. Memórias do passado que se tornam presentes em minha narrativa, fragmentadas, cada qual com o seu pequeno conflito.

CONCLUSÃO

Embora conclusão seja sinônimo de término, sinto que muito ainda poderia ser dito sobre “tempo, memória e pertencimento”. Mas, paralelamente, este não é um trabalho que pretenda trazer uma análise profunda sobre esse assunto. Antes disso, o que eu quis aqui foi apresentar alguns dos elementos presentes no meu processo de escrita e como eu aproveitei as aulas durante a graduação – mais especificamente nas três peças escolhidas para ilustrá-lo. Procurei fazer uso de diversos recursos de escrita dramática. Assim, há nelas o jogo com o tempo - passado e presente se misturando –, e há também fatos e memórias em sequência cronológica, apesar dos saltos de anos; há o uso de repetições, de metáforas ou não; há intertextualidade introduzindo fala; há monólogos longos e diálogos de falas curtas; há personagens que não mais conseguem se comunicar mesmo estando lado a lado, e há aquelas que o fazem ainda que a morte as tenha separado, através das memórias, sem as quais não pertencemos a lugar algum.

E, agora, aqui estamos: na conclusão do meu TCC – acrônimo para Trabalho de Conclusão de Curso, mas que – pelo menos no meu caso – serviria também para significar “Trabalho de Comunhão Comigo”. O foco no meu processo de escrita, os atravessamentos teóricos entre as peças que escolhi para fazer parte dele e o que autores como Sarrazac, Ryngaert e Ricœur escreveram sobre teatro contemporâneo, tempo, fragmentação, monólogo, o eu-épico, o autor rapsodo e muito mais, estiveram lado a lado com um furacão de emoções neste semestre. Não era para menos: eu, aquela menininha que rezava o Santo Anjo e o Menino Jesus com medo do escuro no berço (em *Uma questão de vida*), rotulada de “filha ilegítima” na minha certidão de nascimento (em peça homônima), cresci e, após mais de seis décadas “sem ter tempo”, mudei minha rotina para resgatar (em *De morte e de vida*) a história da Anilda, a minha mãe biológica, dando voz a ela e a tantas outras mulheres. Esse resgate por si só já teria feito valer a pena os últimos oito anos de minha vida. Mas houve muito mais: novos relacionamentos possibilitados graças ao curso de Teatro no DAD/UFRGS; aprendizagens de caráter não apenas acadêmico, mas principalmente humano; compartilhamentos de experiências com colegas, professores, funcionários; e acima de tudo, um sentimento novo de liberdade e pertencimento que me torna uma pessoa plena, com

tempo para dar asas à minha imaginação. Com esse sentimento, a certeza de que fiz a escolha certa no meu último vestibular; com esse “novo” tempo que me dou, a certeza de que novos textos dramáticos virão, autoficcionais ou não. E – por que não? – além de leituras dramáticas, montagens! Aqui e agora, “gratidão” e “palcos, me aguardem” me definem!

REFERÊNCIAS

- CANTON, Katia. **Tempo e memória**. 1ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção Temas da Arte Contemporânea)
- RICŒUR, Paul. **Tempo e narrativa: 3 O tempo narrado**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. **Introdução à análise do teatro**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Coleção Leitura e Crítica)
- _____. **Ler o teatro contemporâneo**. Tradução: Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Coleção Leitura e Crítica)
- SANTOS, Vera Lúcia Pereira dos. **De morte e de vida**. Porto Alegre: 2023
- _____. **Filha ilegítima**. Porto Alegre: 2022
- _____. **Uma questão de vida**: 2021
- SARRAZAC, Jean-Pierre (org.); Catherine Naugrette [et al.]. **Léxico do drama moderno e contemporâneo**. Tradução: André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- SARRAZAC, Jean-Pierre. **Poética do drama moderno: de Ibsen a Koltès**. Tradução: Newton Cunha, J. Guinsburg, Sonia Azevedo. São Paulo: Perspectiva, 2017.

APÊNDICE A

UMA QUESTÃO DE VIDA

Personagens

Mulher - mulher de meia idade, casada, servidora pública dedicada

Homem – homem de meia idade, casado, professor frustrado

Filha – 16 anos, estudante

Adolescente – 18 anos, colega de aula e namorado da filha

Figurantes – Garçon, Balconista, Segurança, Taxistas

“QUADRO ZERO”

(Escurecimento. Aos poucos, uma luz tênue permite que se vislumbre o que parece ser um berço grande. Então, ouve-se uma menina choramingando baixinho.)

Voz de menina (*Fraca, hesitante.*): Mãe... Tô com medo.

Voz de mãe (*Seca.*): Reza um “Santo Anjo”

Voz de menina (*Compenetrada*): “Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a Ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, me guarda, governa e ilumina. Amém!”

(Silêncio. A escuridão aumenta.)

Voz de menina (*Trêmula*): Mãe... Ainda tô com medo.

Voz de mãe (*Mais seca ainda.*): Reza pro Menino Jesus e dorme.

Voz de menina (*Suspira fundo. Compenetrada*): “Menino Jesus, meu bom amiguinho, guiai-me sempre ao bom caminho. Guiai-me, Jesus bonzinho, para o caminho do bem. Eu quero ser boa filhinha e boa aluna também.”

(Silêncio. Então, implora.) Mãe, não consigo.

Voz de mãe (*Irritada*): Reza de novo, de novo e de novo! Até dormir E pára de me incomodar!

Voz de menina: “Menino Jesus, meu bom amiguinho, guiai-me sempre...”

(A voz vai enfraquecendo, até parar.)

QUADRO I

(Um casal chega em uma cafeteria de um shopping. Escolhem a mesa mais distante da área de circulação e sentam-se. O homem pega o menu. A mulher olha para ele. Um garçom aproxima-se.)

Homem: Vou querer um expresso duplo.

Mulher: Uma água sem gás, por favor.

(O garçom anota o pedido e se retira.)

Homem: Viemos em uma cafeteria de shopping pra tu pagar 10 reais por uma água sem gás?

Mulher: Reclamar por 10 reais, meu Deus! Mas, não! É óbvio que não! *(Baixa os olhos para o centro da mesa. Não parece estar à vontade. O homem olha em volta com um olhar distante.)* Te convidei para vir aqui porque preciso conversar contigo. E, francamente, dez reais não são nada!

Homem: Não são nada pra ti, que é marajá do governo. Bem, mas o que é que tu precisa conversar comigo, afinal? E aqui, em público? Tem certeza que é um bom lugar?

Mulher: Acho melhor...

Homem: Alguma coisa muito importante? Algum problema grave? Algo que eu possa ajudar a resolver?

Mulher: Depende do ponto de vista... Talvez...

Homem: Ih... Estás muito “enigmática” pro meu gosto...

(O garçom traz o pedido com a comanda. O homem coloca várias gotas de adoçante no café. Ela observa e sacode a cabeça. Toma um pouco de água e suspira fundo.)

Mulher: Às vezes eu acho que a própria vida é um enigma...

Homem: Agora estás ficando muito “clichê”... Por que não vais direto ao ponto? Eu praticamente já acabei o meu café e não quero ter que pedir outro. Meu salário só entra na semana que vem.

Mulher *(Roi o canto da unha do polegar esquerdo.)*: “Outro” é um bom começo...

Homem (*Olhar desconfiado.*): O que tu quer dizer com isso?

Mulher: Não... nada... É que às vezes a vida nos surpreende. Tudo parece estar seguindo os nossos planos e, de repente, “bum”!

Homem (*Com desdém.*): Tu e os teus planos... Por isso eu não faço grandes planos. Como diz a música, eu deixo a vida me levar... (*Termina o café e olha de canto para ela.*) Não que eu agradeça “por tudo que Deus me deu”, mas, (*cantarolando*) “a gente vai levando, a gente vai levando”...

Mulher (*Distante*): Eram tantos planos, tantos ... E agora?

Homem (*Intrigado*): Agora o quê? De que planos tu tá falando?

Mulher (*Voltando à realidade.*): Ah? O quê? Ah... Eu... eu preciso ir no banheiro.

(*Levanta-se rapidamente e sai. Ele a segue por um instante com o olhar, ainda intrigado. Então, pega a comanda, paga e segue as placas para o banheiro.*)

QUADRO II

(*Sala de estar em um apartamento de classe média: televisão sobre um rack, dois sofás, mesinha de centro. Sobre ela, um copo de uísque com gelo, vazio, marcado por batom vermelho em sua borda. É noite. O relógio marca dez e meia. A TV está ligada apenas pelo hábito. Faz companhia. Mostra belas imagens. E se mostrar algo que incomode, basta um clique no controle remoto para trocar o canal. Ou desligá-la.*)

Mulher (*Suspiro profundo*) A vida deveria ser como um aparelho de TV. Seria tão mais fácil...

(*O interfone toca, interrompendo os seus pensamentos. Antes que tenha tempo de se levantar, ouve a voz da filha.*)

Filha: Deixa que eu atendo!

Mulher: Visita a esta hora? Era só o que me faltava! E por que tu tá usando moletom de inverno se nem tá tão frio? Eu, hein!

(*Um adolescente entra na sala. Lábios meio apertados, forçando um sorriso. Mãos para trás do corpo.*)

Adolescente: Boa noite, sogra!

Mulher (*Com cara de poucos amigos*): A que devemos a honra, a uma hora destas? Meio tarde pra fazer visita, não acha?

Filha: Oh, Mãe! Poxa vida! Depois eu é que sou mal educada...

Adolescente (*Em voz baixa*): Deixa quieto. Melhor não complicar.

Mulher: Estou mentindo? Hein? (*Silêncio*) O que que tá havendo? Vão ficar aí parados no meio da sala, feito “Dois de Paus”?

Adolescente: É que... (*Hesita. Olha para a namorada. Ela está olhando para o chão.*)

Mulher: Vai! O que foi? Desembucha, criatura!

(*Sem nada dizer, o adolescente finalmente muda a posição dos braços, estendendo o direito à frente do seu corpo. Na mão, uma pequena sacola de presente. A mulher pega a sacola e retira dela uma roupa para recém-nascido. Após intermináveis segundos, ela quebra o silêncio. Olhos fechados, uma das mãos segurando a testa, cabeça movendo lentamente, de um lado para o outro.*)

Mulher: É muita burrice... Meu Deus do céu, é muita burrice... É muita burrice... Como é que vocês foram tão burros???

Filha (*Quase chorando*): Mãe! Para, por favor! Para... Assim tu não tá ajudando... E eu preciso muito da tua ajuda. Eu não sei o que fazer, Mãe! E... e não vou ter coragem de contar pro pai. Me ajuda, Mãezinha...

Mulher: Nem me fala! Ele vai ter um ataque! Ainda bem que ele só volta depois do feriadão. Preciso pensar em como contar pra ele... Preciso pensar no que fazer... (*Cotovelos apoiados nos joelhos, cabeça abaixada, testa apoiada nas mãos, dedos entrelaçados como em oração. Suspira profundamente.*) Preciso pensar...

Adolescente: Vocês vão querer que a gente case?

Mulher (*Ríspida*): Tá de brincadeira, né? Pra quê? Pra piorar as coisas? Não tiveram cabeça para evitar uma gravidez, vão ter pra casar? Nem em sonho!

Adolescente (*Aliviado*): Ah, bom, ah... já tá tarde mesmo. É melhor eu ir pra casa. Boa noite pra vocês.

Mãe: “Boa”, eu duvido. “Longa”, isso sim. Muito longa... (*Suspira.*)

Filha: Eu te levo no portão.

Mãe: Nada disso, mocinha! Fique aqui. Temos muito o que conversar...

(O adolescente vai embora. Mãe e filha ficam frente a frente, se olhando, mudas, imóveis... Seus lábios começam a tremular e um líquido salgado entra em suas bocas. As duas se abraçam: para proteger e para ser protegida. “All's well that ends well...” Ainda que isto seja só o começo...)

Mãe: Vai dormir, minha filha. É melhor...

Filha: Não sei se vou conseguir, mãe.

Mãe: Reza pro Menino Jesus que tu consegue.

Filha: Ah? Tu sabe que eu não sou de rezar, mãe... Eu acho que eu nem sei mais rezar...

Mãe: Vamos pro teu quarto, filha. Tem horas que precisamos rezar. Como quando estamos em um quarto escuro... Vem comigo. Eu te ajudo.

(Seguem abraçadas para o quarto da filha.)

QUADRO III

(É sábado, 9 horas de uma linda manhã ensolarada... As calçadas das ruas que conduzem ao seu local de trabalho tentam esconder o frio do asfalto e dos edifícios que cada vez mais se impõem na paisagem: há canteiros floridos e árvores que se alinham, abrigando e alimentando os passarinhos do bairro. Mas hoje ela não consegue enxergar as flores nem o sol... Os sabiás insistem em cantar nas árvores, mas hoje ela está surda para eles... É como se estivesse cega e surda para qualquer beleza ao seu redor. É sábado e não tem expediente em seu local de trabalho, mas tem trabalho para ser feito. E alguém tem que fazer. Afinal, “quem mais trabalha, mais trabalha”. No caminho que suas pernas sabem de cor, uma segue maquinalmente a outra e ela finalmente chega ao seu destino. A segurança do plantão a cumprimenta. Ela responde com um leve aceno da cabeça e um sorriso protocolar. A voz não sai... Sobe a escadaria até o terceiro andar, abre a porta, liga

as luzes, dirige-se à sua mesa, senta-se e fica olhando o vazio.)

Mulher: Será que foi um pesadelo?

(Os processos empilhados sobre a sua mesa são indiferentes à sua pergunta. Sobre suas capas, uma observação: “URGENTE”.)

Mulher: Por que será que as pessoas não entendem que quando tudo é urgente, nada é urgente? Somente a vida é urgente... ou deveria ser... principalmente as vidas novas...

(Pega o processo de cima da pilha mais à direita, abre na última folha, lê o despacho: “Expeça-se o alvará.”)

Mulher: Bela quantia! Dá para resolver muitos problemas... Mas alguns não têm solução... Ou têm? Ai, Senhor! Não me deixe fazer algo de que eu me arrependa...

(Fecha os olhos e une as mãos em oração. Mas não consegue lembrar de nenhuma que lhe traga algum consolo, como mãe que não sabe o que é melhor fazer para ajudar sua filha, ou como esposa que se pergunta se desta vez poderá contar com o apoio de seu marido. Então, suspira profundamente e bate com as duas mãos na mesa. Inspira e solta todo o ar de uma única vez.)

Mulher: Deus! Já chega! Reage, criatura! Deixar o trabalho se acumular não vai ajudar em nada. Ao contrário. Pelo menos aqui as coisas têm que correr bem. Vamos ao trabalho!

(Cumprir a determinação do processo. Pega outro, abre na última folha, cumpre... e assim sucessivamente, até que não haja mais trabalho a ser feito em sua mesa. Sente um mal-estar. Já são 4 horas da tarde e não comeu nada todo este tempo. Mas valeu a pena: por algumas horas havia se esquecido do que acontecera na noite anterior.)

Mulher: Foi muita burrice deles! Quem aos 16 anos não sabe evitar uma gravidez hoje em dia? “A camisinha furou, mãe...” *(Fala imitando a voz da filha. Então, fica em silêncio, seus olhos refletindo o que tem no coração.)* Sim, eu sei que camisinhas furam. Mas este furo vai sair muito caro para todos, principalmente para ela. Muito caro, mesmo...

(Levanta-se, apaga as luzes, fecha a porta, desce a escadaria, sai do prédio e toma o mesmo caminho da manhã. E assim como nessa manhã, não verá as flores nem as árvores, e não escutará os passarinhos... Maquinalmente, suas pernas a levarão de volta da mesma forma que a trouxeram.)

QUADRO IV

(Ela caminha sozinha pelo shopping olhando distraidamente as vitrines. O arco-íris de cores suaves que decora uma delas chama sua atenção: "Baby Dreams". Entra.)

Mulher: "Será menino ou menina?" *(Pergunta-se em pensamento, enquanto passa a mão nos tiptops expostos numa arara.)* "Melhor seria que nunca tivesse sido... Quem sabe ainda dá tempo de não ser?"

(Uma balconista vem atendê-la, interrompendo seus pensamentos.)

Balconista: Posso ajudá-la?

Mulher *(Distraída)*: Duvido... *(Embaraçada)* Que dizer, não, obrigada. *(Olhar e voz tristes.)* Infelizmente, você não pode me ajudar. Um outro dia, talvez... *(Sai da loja cabisbaixa. Quase esbarra no homem que caminha em sua direção.)*

Mulher: Desculpe! *(Ergue a cabeça.)* Ah, é você...

Homem: Você não disse que iria no banheiro?

Mulher: Sim. Eu já fui. Milagrosamente não tinha fila. *(Os dois seguem caminhando pelo corredor, como se estivessem em "slow motion", sem qualquer interação. Sempre olhando em frente, ela segue falando sem parar.)* No supermercado sempre tem fila. Nos bancos, nos terminais de ônibus... Eu odeio filas! Quando eu estava no ginásio, tinha que fazer fila para entrar. Tocava uma sirene. Íamos todos para o pátio da frente da escola. Cada série tinha duas filas: a dos meninos e a das meninas. Cada um de nós tinha o seu lugar na fila, de acordo com sua altura. Eu geralmente era a primeira. Que raiva! Por isso eu não pude ser aeromoça. Era o meu sonho: viajar muito, conhecer outros países, outras pessoas, outras culturas. Pensando bem, eu acho que eu apenas queria ir para bem longe para encontrar... sei lá... para me encontrar, talvez... Mas eu não pude, e então acabei

casando,

vivendo

mentindo,

chorando,

sofrendo,

parindo...

Agora, às vezes, fico me

imaginando

morrendo

sorrindo.

E me sinto em paz...

(Saem do ritmo de “slow motion” e caminham normalmente.)

Homem: Você disse alguma coisa? Eu estava distraído. Já é noite. É melhor pegar um táxi. Tem muito perigo na rua à noite.

Mulher: Não, não era nada. Não importa. Tens razão: a noite é perigosa...

QUADRO V

(É tarde da noite. A pequena sala está iluminada apenas pela luz da tela do computador. As cartas do baralho vão sendo rapidamente organizadas pelo jogador experiente. Seus olhos e dedos movem-se com sincronia. Não há tempo sequer para piscar. Se piscar, perdeu. E é preciso ganhar. Quem quer ser um perdedor? É preciso ganhar. Sente a garganta seca. Não dá tempo de beber água. Se beber, perdeu. É preciso ganhar. Olhos secos. Garganta seca. Mas é preciso ganhar! O rangido da porta sendo aberta quebra a sua concentração.)

Homem *(Olhando para ela irritado.)*: Mas que merda!

Mulher: Calma... Desculpa... Não quis atrapalhar.

Homem: Mas atrapalhou! Como sempre, aliás!

Mulher (*Reagindo*): Tá, tá, tá! Também, não exagera! Eu só quero planejar o próximo feriadão. Que tal ir pra a praia?

Homem (*Desinteressado*): Vão vocês. Eu já combinei uma pescaria. (*Animado*) Aliás, “uma”, não: vai ser “a” pescaria, com bastante cerveja e boa companhia durante quatro dias de paz.

Mulher (*Desalentada*): Mas eu já tinha te falado que queria...

Homem: Falou? (*Dando de ombros novamente*) Não lembro. De qualquer forma, até já paguei a minha parte, então, não tem volta.

(Vira-se totalmente para o computador e recomeça a jogar. A mulher fica apenas olhando sem dizer nada, sem se mover. Em sua memória, um filme onde qualquer semelhança com fatos reais não é mera coincidência.)

Mulher: Quem sabe tu cancela essa pescaria? Eu não tô me sentindo muito bem. Tô com umas dores estranhas. E só faltam duas semanas pro bebê nascer.

Homem: Então? Faltam duas semanas, não é? Não vai ser justo agora, só pra acabar com a minha pescaria. E eu volto amanhã. Quer saber? Deixa de fricote. Tô indo. A turma tá me esperando lá embaixo. Tchau.

(Não houve sequer um beijo, daqueles rápidos, “só pra constar”. Sente um vazio, uma dor no peito quase tão forte quanto a das contrações que iniciaram. Se abraça pra não se sentir tão só. Dá-se conta de que não está só. Vai ser mãe. As mães nunca estão verdadeiramente sós, mesmo quando gostariam de estar...)

Taxista: Pra onde, moça?

Mulher: Hospital Fêmeina, por favor.

Taxista: Desculpa a indiscrição, mas... mãe solteira?

Mulher: Não. Mãe sozinha, mas não por muito tempo...

QUADRO VI

(Casal no interior de um táxi, ou melhor, duas pessoas de sexos diferentes no banco de trás de um táxi. Atmosfera pesada, negativa, em um silêncio sepulcral de uma corrida que parece não ter fim para a mulher. Mas tudo tem fim nesta vida. De

alguma forma, tudo tem que terminar. O carro finalmente para.)

Taxista: Deu 17 reais.

Homem: Você paga? Estou sem dinheiro.

Mulher: “Qual a novidade?” (*Pergunta-se em pensamento.*) Aqui está. Pode ficar com o troco. Boa noite.

Taxista: Obrigado, moça! Boa noite.

Homem (*Irônico, abrindo o portão*): Com gorjeta, eles chamam qualquer “veterana” de moça...

Mulher: Me poupa, por favor... Estou cansada, e ainda temos um assunto importante pra conversar.

Homem: Não pode ficar para amanhã?

Mulher: Melhor não. Pra que não fique pra depois de amanhã, ou depois, ou depois, até que seja tarde demais.

(Entram no apartamento. As luzes apagadas indicam que sua filha já está dormindo. A mulher pega a sacola que ainda estava sobre a mesinha da sala e a entrega ao homem, sem nada dizer.)

Homem: Presente pra mim? (*Pergunta alegremente, mas ao ver a roupinha de bebê, ele olha para a mulher com espanto.*) Que palhaçada é esta?

Mulher: Considerando-se que não menstruo há uns cinco anos e que nossa filha tem dezesseis...

(A expressão de espanto do homem vai mudando: seu olhar enraivece, suas mandíbulas se comprimem, suas narinas arfam.)

Homem: Eu sabia! Eu sabia que a tua filha ainda iria aprontar uma dessas pra nós! E agora?

Mulher: E agora? E agora, pelo teu jeito de falar, parece que eu fiz a filha sozinha. Como sempre, quando há algum problema, aliás... Quer saber? Tu tinhas razão. Amanhã a gente conversa. Ou depois de amanhã... Ou depois... Agora vou tomar um banho e tentar dormir. Tenho bastante trabalho no meu serviço amanhã.

(A mulher sai da sala.)

QUADRO VII

(Ele está sozinho na sala, se sentindo desorientado, desamparado, incapaz de entender o que está acontecendo na vida dele. Dezenove anos haviam se passado. Ela era tão linda... Ele gostava dela desde sempre, mas ela não lhe dava a mínima. Até que um dia ele cansou de esperar que ela se decidisse e resolveu casar. Na véspera do casamento ainda tomou coragem e foi falar com ela. Mas ela se fez de desentendida... Então, no dia seguinte, ele disse “sim” ao padre e “não” a si mesmo e aos seus sentimentos. E mentiu no altar, ao prometer amar e respeitar uma outra, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte os separasse...)

Homem: Como teria sido com ela? Será que teríamos uma filha? Acho que não... Ela não seria idiota de não querer tomar pílula! Quem não sabe que camisinha fura??? Não, eu não teria sido pai... O que, diga-se de passagem, me livraria dessa encrenca agora. Simples assim... Ah... a minha vida seria outra...

(Fecha os olhos. Está fazendo vestibular para Oceanologia. Seu sonho é conhecer e trabalhar com o famoso oceanógrafo francês Jacques Cousteau. Mas são poucas vagas, o número de candidatos é bastante alto, e dedicação aos estudos nunca foi uma de suas qualidades. Acaba fazendo licenciatura curta em ciências.)

Homem (Em tom de desabafo): Se eu soubesse que estava me condenando a trabalhar com pré-adolescentes e adolescentes pro resto da minha vida... Haja paciência! Ainda bem que não dou aula pra criança pequena. Não tenho saco pra aguentar fedelho! Nunca tive! Nem com minha própria filha, imagina com os filhos dos outros. E agora, pelo que tudo indica, e a menos que algum milagre aconteça, vai ter criança me azucrinando em casa novamente. Aí, sim, eu vou precisar de muita pescaria pra me acalmar! Sem chance de eu ficar em casa nos finais de semana escutando choro de bebê e reclamação de mulher por qualquer coisa que eu não faça, como se eu tivesse obrigação de fazer alguma coisa. Não tenho obrigação nenhuma e nem quero ter! Tudo

o que eu quero na minha vida é paz! Paz!

(Aproveita que a esposa ainda está no banho e dirige-se ao quarto, voltando para a sala com uma coberta e seu travesseiro. A luz da sala se apaga.)

QUADRO VIII

(Ao longo da avenida os últimos raios de sol iluminam o tapete roxo tecido pelas flores das quaresmeiras. Elas não são, aliás, as únicas a embelezar a estação: os pássaros – ainda em grande número no bairro – cantam no final do dia. No interior do taxi, indiferente a tudo isso, a filha rói as unhas: o exame havia mostrado não apenas a imagem do bebê, mas também que não era mais possível interromper a gravidez. Uma decisão a menos para tomar, um possível arrependimento a menos para ter no futuro... Para amenizar a situação, a mãe comenta a beleza do cenário, mas ao ver a cena autofágica da menina, dá-lhe um leve tapa na mão. Em seguida, talvez arrependida pelo gesto punitivo, traz suavemente a cabeça dela ao encontro de seu peito, acariciando-lhe os cabelos demoradamente. Então, sente que seu peito se umedece. Abaixando seu rosto, fala bem baixinho no ouvido da filha.)

Mulher: Calma, filha. Não é uma questão de morte, mas sim uma questão de vida. A vida que agora está dentro de ti, que depende de ti. Vai dar tudo certo, você vai ver... Tudo vai acabar bem...

(A filha solta o cinto de segurança e abraça-se à mãe com todas as suas forças. Suas lágrimas silenciosas transformam-se em soluços, misturando o desespero ante o que o futuro lhe reserva e a esperança de que sempre poderá contar com sua mãe. O táxi para em frente ao edifício onde moram. Antes de abrir o portão, a mãe pega as duas mãos da filha, trazendo-as para junto de seu coração, dá-lhe um sorriso – que somente as mães que amam sabem dar – e beija-lhe a testa. A filha abraça-se novamente à mãe. Ficam, assim, feito estátuas, com as cores de um por de sol de outono a embelezar aquele momento que mereceria ser eternizado em uma pintura.)

QUADRO IX

(A lua-de-mel deles foi numa praia não muito longe de onde moravam, numa casinha de madeira emprestada por um parente, sem banheiro dentro dela e sem chuveiro com água quente. Há quem romantize a pobreza... Mas se “dinheiro não compra a felicidade”, a falta dele, menos ainda. Uma década depois, o que lhes faltava não era mais dinheiro, mas sim, tempo livre para viajar, curtir a vida. Ela estava sempre trabalhando ou fazendo algum curso de aperfeiçoamento. Sempre planejando o futuro, nunca aproveitando o presente. E o presente agora lhe trouxe uma grande surpresa, talvez para lhe provar que não se pode planejar tudo, que não somos donos do nosso destino. Quanto muito, podemos marcá-lo ao desistirmos de tudo. Mas esta não é sua ideia. Ao contrário: ela não quer desistir de nada, nem de um casamento que há muito está à deriva, prestes a bater em algum recife da vida e naufragar. Por isso, teve a ideia de dar uma guinada em sua rotina: comprou um cruzeiro no Caribe para os dois! Durante dez dias eles fugiriam do inverno e tentariam não pensar na gravidez da filha, nem no que ela representaria na vida de todos eles. E, quem sabe, finalmente se encontrassem...)

Mulher (Chateada): Onde você andava? Estou te esperando aqui no deck há quase uma hora.

Homem (Desinteressado): Você não falou que estaria no deck da popa. Eu fui pro outro lado, mas você não estava lá. Então, vim pra cá e me distraí no caminho. Tem muita coisa bonita pra se ver em um navio destes. *(Vira a cabeça para olhar uma moça que passa de biquini.)* Até que enfim você fez algo do meu gosto.

Mulher (Nervosa): Eu falei que estaria na popa, sim! Você é que nunca presta atenção no que eu digo. No que eu sinto, então...

Homem (Irritado): Ah! Tava demorando! Chegou a “Senhora Reclamação Dia e Noite”.

Mulher (Tentando se acalmar): Tudo bem, tudo bem! Esquece o que eu disse. Vamos aproveitar este por do sol maravilhoso pra tirar uma foto nossa de lembrança.

Homem (*Irônico*): Sim, lembrança dos teus quilos a mais...

Mulher (*Para si mesma*): Quilos a mais pra compensar amor a menos...

Homem: Aliás, não sei se esta viagem foi uma boa ideia para ti: com comida à disposição 24 horas por dia, tu vai explodir... (*Ri.*)

Mulher: Vou explodir, mas é contigo! (*Suspira fundo, para se controlar.*) Quer saber? A culpa é minha, achar que uma viagem faria alguma diferença... Não, certamente não foi uma boa ideia. Desisto! Mas aproveita o teu cruzeiro. Talvez tu não faça mais nenhum... Pelo menos, não comigo. (*Vira-se e sai dali. O homem a segue com o olhar, aparentemente sem entender exatamente a extensão do que ela havia dito.*)

Homem (*Sorrindo com malícia.*): Um cruzeiro sozinho? Por que não pensei nisso antes?

(*Sai do local em direção oposta à que a mulher havia tomado. Vai assobiando alegremente, lançando olhares assediosos às jovens que vê pelo caminho. No horizonte, o sol se põe...*)

QUADRO X

(*São três horas da madrugada. Deitada na maca, a filha grita de dor e chama pela mãe a cada contração. Esta, por sua vez, reza à Virgem Maria, mãe de todas as mães, para protegê-la, enquanto segura fortemente a mão da filha. O bebê está nascendo antes do tempo e ela não tem dilatação suficiente. Fazer cesariana não estava nos planos... Nada disto estava... Nove horas antes, o homem estava saindo para mais uma pescaria, que mais uma vez duraria quatro dias.*)

Mulher (*Criticando o homem*): Tu realmente não consegue deixar de ir nessas pescarias, não é? E se o nenê nascer antes da data?

Homem (*Indiferente*): Não dizem que o raio não cai duas vezes no mesmo lugar? Não vai acontecer de novo. E era só o que faltava eu perder uma chance de pescar com os meus amigos pra “ficar de plantão” porque o bebê pode nascer, logo num feriadão como este. Além do mais, tu (*com um certo desdém*) – que tudo resolve – estará aqui. Claro, se não inventar de trabalhar

porque *(faz um trejeito com as mãos e afina a voz, imitando a mulher)* “tenho que colocar o trabalho em dia”...

Mulher (Irritada): Tu sabe das minhas responsabilidades no trabalho... Mas tem razão: sim, EU resolvo tudo! Até porque TU não resolve nada! Quer saber? Vai! Vai aproveitar o teu “feriadão da independência”. Eu também vou aproveitar... pra colocar os meus pensamentos em dia... Chega de adiamentos...

Homem (Saindo): Ok. Fica aí com os teus pensamentos que já estou indo. Até domingo!

(Na sala de parto, a mulher segura as duas mãos da filha enquanto vai lhe narrando o que está acontecendo: os cortes para abrir seu ventre, a retirada do bebê, as costuras para fechá-lo. Ela, que não passara por isso, sofre ao ver sua filhinha tendo seu corpo violentado. Mas, mais uma vez, precisa ser forte.)

Mulher (Sorrindo, lágrimas na face.): É uma menina, filha. O teu bebê é uma linda menininha... Igualzinha a você.

Filha (Sonolenta.): Que bom, mãe... Que bom... *(Fecha os olhos e adormece sob o efeito da anestesia. A maca vai sendo retirada da sala, acompanhada pela mulher.)*

QUADRO FINAL

(É manhãzinha. Da janela do quarto do hospital pode-se ver os primeiros raios de sol aparecerem timidamente no horizonte. A filha – agora mãe – e sua filha dormem lado a lado. A mulher acaricia os cabelos da filha. Ela acorda.)

Filha (Olhando para o bebê, com tristeza.): Tomara que ela tenha mais sorte do que eu... E que seja mais esperta...

Mulher: Não fala assim, filhinha.

Filha: Como eu devo falar, mãe? O pai dela e eu... a gente terminou. Por mim, tudo bem, mas e ela? Duvido que ele vá se importar com ela. Ela vai acabar crescendo sem pai... E tem a escola: ainda falta um trimestre pras aulas acabarem. Como é que eu vou fazer?

Mulher: Calma, filha, calma! Não tira nenhuma conclusão precipitada. Quanto à

escola, tuas notas estão ótimas. Vai dar tudo certo, tu vai ver. Vai dar tudo certo para nós três... Nós nascemos mulheres pra mostrar nosso valor ao mundo. Volta a dormir, meu anjo. Você precisa descansar para ter força. A força que todas as mulheres, principalmente as mães, têm...

(A filha fecha os olhos. A mulher olha para elas num misto de ternura e preocupação. O que será que o destino lhes reserva? Não! Ninguém, absolutamente ninguém, irá impedi-la de protegê-las de tudo e de todos. Elas – e não mais o trabalho – serão sua prioridade. E sem mais ninguém em sua vida, todo o seu tempo será dedicado a elas. Chega de dividi-lo com quem não merece. Serão apenas as três. Pronto! Como ele mesmo sempre diz, é ela quem resolve tudo. Então, está resolvido! Ela abre sua bolsa, pega uma caneta e um bloco de anotações. Começa a colocar no papel tudo o que estava engasgado em seu peito nestes últimos anos. Finalmente consegue desabafar, escrevendo todas as suas mágoas, todas as suas frustrações. Ela percebe que também errara. Havia casado apenas porque queria ter novamente uma família, que a morte havia lhe tirado quando ainda pequena. Mas esquecera que, sem amor, o casamento não passa de um tipo de contrato, algo frio, sem valor verdadeiro. Por sorte, o que somente agora ela vê assim, teve uma filha – que acabara de lhe dar uma neta, talvez não por tanta sorte... Mas o principal, a relação de amor entre elas, sempre existirá. E, pelo menos neste momento, ela quer apenas esse tipo de amor em sua vida. Shakespeare estava certo: “All’s well that ends well.” Um fim que para ela será um recomeço. Relê a carta e acrescenta duas palavras que ela sabia que ele entenderia bem: “Game over”.)

APÊNDICE B

FILHA ILEGÍTIMA

Personagens (em ordem alfabética):

Anilda – parturiente, mãe biológica de Vera

Emílio – pai de criação de Vera

Funcionária – funcionária do cartório

Gezilda – parteira, mãe adotiva de Vera

Negrinha – colega de escola e vizinha de Vera

Vera – a filha ilegítima

ATO ÚNICO

CENA I

Vera (No Cartório): Boa tarde! Eu liguei hoje de manhã. Vim buscar a certidão: Vera Lúcia Pereira dos Santos.

Funcionária: Um momento. (Dirige-se a um arquivo metálico e volta em seguida.) Aqui está: confira, por favor.

(Pego o documento e vou lendo em silêncio, observando todos os detalhes.)

(Brasão das Armas da República)

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE NASCIMENTO DE INTEIRO TEOR

MATRÍCULA

098087 01 55 1963 1 00021 140 0011797 12

Certifico que, sob a matrícula acima, encontra-se o **registro de nascimento de Vera Lúcia Pereira dos Santos** com o seguinte teor:

“Aos dezoito de fevereiro de mil novecentos e sessenta e três, nesta cidade de Viamão, Estado do Rio Grande do Sul, no Cartório do Registro Civil, compareceu a senhora Gezilda Pereira dos Santos, doméstica e declarou que em sua residência à Vila Santa Isabel neste

município, no dia vinte e oito de janeiro de mil novecentos e cinquenta e seis, às dezoito horas, nasceu uma criança de cor branca do sexo feminino que se chama: “Véra Lucia Pereira dos Santos”, filha ilegítima dela declarante ...

Vera (Não consigo seguir a leitura. Retrocedo.): “filha ilegítima...” Como assim, “filha ilegítima”? (Fecho os olhos, aperto-os, numa tentativa de enxergar melhor. Sacudo a cabeça. Abro os olhos. Continua lá.) - “filha ilegítima”. I-l-e-g-í-t-i-m-a. I-le-gí-ti-ma. (Talvez tenham se enganado... Aquele “i” deve ter sido escrito por engano... Dirijo-me à funcionária.) - Desculpe. Por que consta aqui “filha ilegítima”?

Funcionária (Constrangida.): Eu... acho que... deve ser porque não tem o nome do pai...

Vera (Num misto de intrigada e indignada.): Sim, quer dizer, não. Não tenho nome de pai, mas... Como isso me torna uma pessoa “sem legitimidade”? A funcionária não responde. Fico olhando para a certidão. Como se o tempo parasse...

[...]

Pesquisa Google:

ilegítimo

adjetivo

1. que não satisfaz às condições exigidas pela lei, pelo direito.
2. que não tem justificativa; desarrazoado, injustificado.

"teses i."

Semelhantes

adulterino - adúltero - bastardo - espúrio - fornazinho - fornezinho - adulterado - apócrifo - batizado - desarrazoado - fajuto - falsificado - falso - ilegal - ilícito - ilídimo - inautêntico - injustificado - injusto - mascarado - muliado - viciado - vicioso - defeso - inconcesso - intolerado - proibido - vedado

filho ilegítimo

São considerados filhos ilegítimos **aqueles de pais que não foram casados**. A diferença para os filhos naturais é que, no caso dos naturais, o nome do pai consta na certidão.

CENA II

(Vinte e oito de janeiro de 1956, Rua Carlos Von Koseritz, Edifício Carlos Von Koseritz, Porto Alegre-RS. O sol já vai se pôr. Junto à cama, uma bacia com água quente, toalhas, tesoura.)

Anilda (Deitada de barriga para cima, mãos segurando na guarda da cama, pernas recolhidas):

Aaaaaaaai! Me ajuda, Virgem Santíssima!

Gezilda: Força! Tu já sabe como funciona. Vai, empurra mais uma vez. Tá quase saindo.

Anilda (Inspira profundamente e expira pela boca com todas as suas forças): Aaaaaaaaai!

(Parteira experiente, Gezilda ampara o bebê – uma menina – e imediatamente corta o cordão umbilical, dando-lhe um nó. A pequenina chora sua primeira separação da mãe. Gezilda a limpa com as toalhas umedecidas e a coloca junto ao peito de Anilda.)

Gezilda (Sorrindo): Já sabe que nome vai dar pra tua filha?

Anilda (Triste): Que muito em breve vai ser tua... Pensei em “Vera Lúcia”. Tu gosta?

Gezilda: Claro, gosto sim. Mas não fala assim. O futuro a Deus pertence...

Anilda: É... É o que se diz, né? Mas só se acontecer um milagre...

Gezilda: Quem sabe não acontece um?

CENA III

Vera: Eu sempre soube que tinha sido adotada. Eu sabia desde sempre... Minha mãe biológica morreu quando eu tinha um ano e meio. De câncer, sem chance de milagre, em 1957. Para piorar – ou para melhorar, quem sabe – eu não era filha do pai dos meus cinco irmãos. (O qual, para constar, era irmão de Gezilda, a parteira que viria a ser a minha segunda mãe.) Minha mãe já havia se separado dele quando conheceu o meu pai, um “mulato sarará”, como me diziam, que havia sumido antes de eu nascer. As causas do seu desaparecimento variavam conforme a intenção de quem me contava a história, indo de fuga da responsabilidade até um possível assassinato de cunho político. Mas isso não vem ao caso, agora...

Eu sempre soube que tinha nascido em Porto Alegre, em um prédio que tinha o mesmo nome da rua: Carlos Von Koseritz. Alemão, como alemã era a minha mãe, nascida no navio em que seus pais emigraram para o Brasil. Meus avós se radicaram em Barros Cassal, como tantos outros alemães e seus descendentes. Porque minha mãe veio viver na Capital, eu nunca soube. Mas sei que ela voltou para Barros Cassal para morrer. Morrer junto de seus pais. Antes de ir para lá, colocou meus irmãos em um internato para garantir que estudassem. Porém, o pai dos meus irmãos tirou-os de lá. Nenhum deles estudou além do ginásio e teve quem parasse no primário. Mas eles têm nome de pai nas suas certidões de nascimento. Eles, são filhos legítimos!

Eu sempre soube que a mulher a quem eu chamava de mãe era irmã do ex-marido da minha mãe biológica, que não era meu pai. Eu sempre soube que eu não tinha nome de pai na minha certidão, mas havia uma pessoa a quem eu chamava de pai. Então, eu tinha pai!

CENA IV

..., filha ilegítima dela declarante, que é natural deste Estado, residente à Vila acima citada. São avós: paternos: ignorados e maternos: Geralcino Pereira dos Santos e Mercedes Ribeiro Pereira. Registro de acôrdo com o decreto Lei 765, de 14 de julho de 1949. E, para constar, faço êste têrmo, que lido e achado conforme vai assinado pela declarante e as testemunhas: Emilio Ribeiro da Silva, professor e (...)

Vera (8 anos): Pai, deixa eu tocar a charrete?

Emilio: Tu ainda és muito novinha. Tem tempo pra tudo na vida... (Em pensamento, completa:) Até que a morte chega...

Vera (9 anos): Pai, posso tocar a charrete?

Emilio: Calma, minha filha... Tudo tem sua hora...

Vera (Suspirando.): ... na vida! Já sei!

Emilio: Olha a educação! Ah, se tua mãe estivesse viva!

Vera (Inocente): Qual delas, pai?

Emílio (Triste): Qualquer uma delas, minha filha, qualquer uma delas...

Vera (10 anos): Pai, olha só como eu já tô grande! Hoje o senhor vai do meu lado na charrete, de carona.

Emílio (Bonachão, sorrindo.): Está bem, filha, está bem... Tu já estás quase uma mocinha mesmo. Talvez já seja o teu tempo de aprender a tocar a charrete...

CENA V

... as testemunhas: Emilio Ribeiro da Silva, professor e José Ribeiro de Assis, carpinteiro, naturais deste Estado, residentes nêste município. Eu, Ruth Maria Fraga Bernardes, suboficial o escrevi e assino. ”...

Vera (11 anos): Quando eu acordei naquela manhã de 28 de abril de 1967, estranhei o silêncio. Levantei e vi que estava sozinha em casa. Ouvi palmas na porteira. Era a

Negrinha, uma das filhas do Seu José, o carpinteiro. Apelido carinhoso... Sua irmã era loira como o Seu José. Por isso, ela era “Negrinha”, uma adolescente branca de pele morena, com um cabelo liso, escuro, tão bonito, comprido... “Teu cabelo é ruim”, me diziam. “Tem que cortar bem curto”, me diziam. “Pra não mostrar esse crespo de sarará”, eu ouvia... O cabelo da Negrinha era liso, comprido e lindo...

Negrinha: Teu pai morreu. Disseram pra tu não í pra escola.

Vera: Eu não posso faltar. Hoje tem prova de matemática.

Negrinha: Disseram pra mim almoçá aqui.

Vera: Tá bem. Deixa eu ver. Tem feijão de ontem. Vou fazer um arroz. Acho que sei... Deve ter ovo no galinheiro. Vou ver. Tem. E tem tomate na geladeira. Tá feito! Feijão, arroz papo, ovos mexidos, salada de tomate. (Louça lavada, banho tomado, uniforme vestido. Vinte minutos a pé até o colégio.) - Professor Sandro, será que eu posso ir pra casa depois da prova? É que o meu pai morreu.

Diretor: Meu Deus! Sinto muito! Nem precisavas ter vindo. Podes voltar pra casa, claro! Tu fazes a prova outro dia.

Vera: Sim, Senhor. Obrigada. Até amanhã. (Volto pra casa sozinha. Negrinha teria que fazer a prova. Não foi o pai dela que morreu. Na verdade, acho que nem o meu... Ainda não tem ninguém em casa. Onde será que tá todo mundo? Vou ver televisão pra passar o tempo. Eu queria ter feito a prova de matemática. Tinha estudado bastante. “Tu quer ser alguém na vida? Então, estuda”, me diziam. Obediente, eu estudava. Eu queria ser alguém na vida... Palmas na porteira de novo. São alguns dos meus colegas. Vão entrando... Uma das meninas pergunta: “Onde tão as vela pra velá o homi?” Todos a olham... Silêncio. Eles não ficam muito tempo. Não ofereço uma água sequer... Vou com eles até a porteira. Fico olhando sumirem após a lomba da Dr. Nilo. Às vezes, as pessoas somem de nossas vidas. As minhas mães haviam sumido. O meu pai, o primeiro, o mulato sarará, sumiu antes de aparecer pra mim. Minhas mães e ele nunca reapareceram... Mas meus colegas reaparecem em outra lomba, na Barreto Vianna, já perto do colégio. Que vergonha! Como vou explicar pra todo mundo amanhã que não aconteceu nada, que o pai tá vivo? O sol se põe. Antes da noite cair, minha irmã adotiva chega vestida de preto, com os olhos vermelhos e inchados, e me abraça chorando. Não lembro dela me abraçando antes... nem novamente... Quando eu dormia, eu encontrava com o meu pai, o Emílio. Eu o abraçava bem forte, o peito quase a estourar de felicidade. - “Eu sabia que todo mundo tava enganado, pai!”

Foram muitos encontros assim. Até que entendi que teria que tocar a charrete sozinha...)

CENA VI

“Anotação”. “Certifico que a registrada ao lado VERA LÚCIA PEREIRA DOS SANTOS, foi emancipada através de sentença judicial em data de 23/9/1974, proferida pelo Exmº Sr. Dr. Juiz Felipe Vasques de Magalhães, Juiz de Direito substituto da 2ª Vara desta Comarca de Viamão, em mandado de inscrição de emancipação expedido pelo 2º Cartório Judicial desta Comarca, e extraído dos autos do pedido de emancipação, número 1.255/162, e que aqui fica arquivado. Em firmeza do que, digo, O referido é verdade e dou fé. Viamão, 09 de outubro de 1974. Eu, Laerte Tadeu Galvão Medeiros, escrevente o escrevi. O oficial:” (Ass.) “Marco Antônio da Silva Bueno”.

Vera (18 anos incompletos - janeiro de 1974, prédio da Reitoria da UFRGS, uma pequena multidão se espreme em frente às listas com os classificados no vestibular. Procuo meu nome.) - Não é nesta lista, nem nesta, nem nesta... Ah, letra “V”, finalmente... Deixa eu ver... Vera, Vera, Vera... Meu Deus, como tem “Vera”! Ah? Vera Lúcia Pereira dos Santos. Letras - Licenciatura. Sexto lugar. Sério??? Passei! Passei!! Passei!!! (Quase que instantaneamente meus cabelos ficam multicoloridos, completamente lambuzados de tinta, assim como o meu rosto. Na testa, a consagração: “Bixo UFRGS”. Orgulhosa do meu feito, eu, a filha ilegítima, explodindo de alegria vou de ônibus pra casa, toda pintada. Meu pai, o Emilio, tinha sido professor de português. Ele devia estar feliz lá em cima... E provavelmente mais feliz ainda quando, em agosto de 1974, saio da casa da família que já não era mais minha e ingresso na Casa da Estudante da UFRGS. Lá, sou acolhida por outras estudantes, algumas delas verdadeiras irmãs para mim, amigadas para toda a vida. Lá, descubro que posso falar livremente e até cantar! Quem diria que minha “voz de taquara” não era tão “rachada” assim, afinal? Lá, deixo o meu cabelo crescer, no melhor estilo “black power”. Lá, uma das colegas me ensina a costurar na velha máquina que há na casa – assim como havia uma na casa da Vila Santa Isabel, a qual estragaria se eu fizesse alguma besteira... Águas passadas! Um corte de sarja bege, um zíper, um carretel de linha e... tenho uma calça comprida novinha em folha! Atrás dela, no lado esquerdo, ao invés de um bolso, um coração vermelho com a palavra “Love”. Um verdadeiro escândalo para alguns... Como uma alusão ao amor pode provocar reações negativas? Paciência... Nem Cristo agradou a todos. Sigo usando minha calça de sarja com o coração vermelho na bunda, feliz da vida! Por cautela, não a visto no dia da audiência

de emancipação.)

CENA VII

(...) *“ANOTAÇÃO: A registrada casou a 09/02/1983, com Cláudio Arêdes Rodrigues, passando ela a chamar-se VERA LÚCIA PEREIRA DOS SANTOS, conforme termo lavrado no L.º B-12, fl. 298, sob nº 6779, do Registro Civil da 5ª Zona de Porto Alegre, RS, (...)*

Vera: “Passando ela a chamar-se Vera Lúcia Pereira dos Santos”, coisíssima nenhuma! Esse foi o nome que minhas mães me deram: Vera Lúcia, escolha da Anilda, e Pereira dos Santos, sobrenome da Gezilda. Eu jamais trocaria de nome: aos vinte e sete anos, era parte de mim, e a lei não me obrigava. Mas tem coisas que a lei nos obriga, como ter uma carteira de habilitação para conduzir uma moto. E “tudo começou” com a ideia de comprar uma, quando eu tinha vinte e seis anos. Pedi a um amigo para ir comigo na concessionária para retirá-la e me ensinar a dirigi-la. Numa das aulas, eu caí com a moto. Fiquei com muito medo. Depois, num outro dia, ele pediu para dormir no meu apartamento. Deixei, com uma condição. Pouco mais de cinco meses depois, casamos. Estava nervosa, mas não com medo. Quanto à moto, só de carona... mesmo com oito meses de gestação! Sim, fora de hora, mas... camisinhas furam, tabelas falham, e novas vidas acontecem. “Nenhum filho planejado, todos amados.” Quase um lema... Entre o primeiro e o segundo filho, a conclusão de mais duas graduações, e um pedido de demissão para cuidar pessoalmente deles após o nascimento do segundo. Três diplomas universitários engavetados, literalmente. Sem arrependimento algum. Faria de novo! Morar em um sítio me reportava à chacara da Vila Santa Isabel: cavalos, vacas, galinhas... Os meninos em contato diário com a natureza, como eu na infância. E então, tabela e camisinha se unem, e nasce uma menina para completar a família. Algumas coisas definitivamente não têm preço. Mas têm prazo de duração... A vida no campo não seria para sempre. Quase que por acaso fico sabendo de um concurso público. Em 1990 mudamos de cidade, de carro, de móveis e de roupas. Todos nós mudamos: as crianças foram mudando à medida que cresciam; nós dois, apenas fomos mudando...

CENA VIII

(...) e divorciou-se por escritura pública lavrada a 09/07/2009 no 1º Tabelionato de Notas de

Porto Alegre, RS, sob n.º 09155.416, fl. 112 do L.º n.º 393 de Contratos, cujos bens foram partilhados. Viamão, 21/07/2009.” (Ass.:) “Maria Clair Machado Guimarães, Substituta”.
(...)

Vera: Vinte e quatro anos de casamento, três filhos, um neto... Muita coisa acontece em vinte e quatro anos. Muita coisa termina após vinte e quatro anos. O término de um casamento após tantos anos de vida em comum pode deixar marcas, mas certamente é melhor do que insistir em um relacionamento que não tem mais sentido, onde um casal se transforma em dois estranhos. E dá a ambos a chance de viverem suas próprias vidas, como bem entenderem. Terminar um casamento de quase vinte e cinco anos não é o fracasso do amor, mas antes, a vitória da coragem. Sem mencionar a economia feita com a não realização de uma festa de bodas de prata...

CENA IX

(...)“Anotação: Vera Lúcia Pereira dos Santos, registrada sob n.º 11797 à fl. 140 deste Livro, contraiu segundas núpcias a 27/01/2014 com Henrique Campo e manteve o nome de solteira, conforme termo n.º 41286, à fl. 142 do L.º B-120 do Registro da 4ª Zona Civil de Porto Alegre, RS, de onde veio a comunicação de protocolo n.º 1028/2014 via Internet. Viamão, 30 de janeiro de 2014.” (Ass.:) “Francisco de Assis dos Santos, Oficial.”

Vera: De repente, me vejo livre para fazer tudo o que bem entender da minha vida... ou quase tudo... Não sou mais esposa de ninguém, mas continuo sendo mãe e avó. De meus filhos e neto não pretendo me divorciar. No demais, vida que segue! Começo um pós-graduação em inglês – “estudar nunca é demais” é um dos meus lemas. E a música sempre me tocou – trocadilho infame? Dane-se. Vou aprender a tocar teclado! Me inscrevo numa academia de música e sou apresentada ao meu futuro professor. Seus olhos são verdes... Sempre tive uma queda por olhos verdes... O pós, eu concluí; já quanto ao teclado, desisti de aprender, mas as poucas aulas valeram a pena: aqueles olhos verdes passaram a abrir na minha cama todas as manhãs... Eles viram minha aposentadoria como servidora pública naquele ano de 2014. Talvez tenham até pensado que eu ficaria em casa, dando algumas aulas de inglês para preencher o meu tempo. Talvez eu também tenha pensado assim, naquele momento. Mas sabe aquela comichão cerebral gostosa, aquela vontade de escrever, de criar, e acima disso tudo, de estar em um ambiente acadêmico novamente? Minha escolha não poderia ter sido melhor: o curso de Teatro da UFRGS! Prova específica e vestibular vencidos, um sonho sendo realizado no meu ritmo de sexagenária. Um quarto diploma com o nome

de *Vera Lúcia Pereira dos Santos*, a filha dita ilegítima de acordo com um conceito jurídico arcaico, preconceituoso e cruel, que estigmatiza com desonra quem recebe esse rótulo. Mas Vera Lúcia Pereira dos Santos, a filha que perdeu duas mães e dois pais, que ficou sem família ainda criança, não ficou sem rumo na vida. E segue conduzindo a sua charrete...

APÊNDICE C

DE MORTE E DE VIDA

Personagens

Vera – estudante de Teatro, 67 anos

Anilda – mãe biológica de Vera, 28 anos

ATO ÚNICO

CENA ÚNICA

(Escuridão total. Aos poucos, começa a ser ouvido o som de ondas do mar. A projeção da foto de uma mulher na areia de uma praia, ao lado de um carro, é feita sobre a atriz que está de pé, junto à parede.)

Vera (Falando com o público): Por mais de sessenta anos eu vivi sem parar pra pensar na minha história. “Não tinha tempo...” Então, há uns dois anos, precisei de uma certidão de nascimento de inteiro teor. Quando li nela a expressão “filha ilegítima”, fiquei tão perplexa que escrevi uma peça com esse nome. Por causa dessa peça, senti que era hora de não apenas parar pra pensar, mas também pra escrever sobre a minha história. Ou melhor, sobre a história que começou antes daquela certidão. Que começou na história da minha mãe biológica, que enquanto me gestava, sabia que logo morreria. Sabem esta foto que vocês estão vendo? Eu tenho desde criança. Foi tirada na praia uns dois anos antes de eu nascer. É a única foto que tenho da minha mãe... Grandes óculos de sol tapam boa parte do seu rosto; mesmo assim, eu me achava “a cara dela”. Eu queria ser “a cara dela”... As pernas grossas e os joelhos são realmente iguais. E os óculos não escondem o formato do rosto, o nariz, os lábios, o sorriso tão lindo... Sabem? Eu ainda quero ser “a cara dela”. Vocês não imaginam o quanto isso significa pra mim, embora eu não consiga explicar exatamente o porquê... (O som de ondas do mar vai diminuindo até ficar inaudível.) Então, hoje, eu quero falar dela. Da minha primeira mãe. A que me concebeu e me carregou no seu ventre por nove meses. A que me pariu e me amamentou. A que sabia que morreria sem me ver crescer. Ela sabia que sua morte estava próxima. E uma nova vida também. Uma vida gerada por ela, que em breve morreria. Por isso, “De Morte e de Vida”. Ou seria melhor “De Vida e de Morte”? Um bebê sendo gestado enquanto sua mãe é acompanhada pelo fantasma vivo de sua morte

iminente. Vida e morte... nesta ordem natural. Mães morrerem antes de seus filhos é considerado natural. Mas eu não consigo considerar natural saber que se tem apenas mais um ano de vida – no máximo dois – quando se descobre estar grávida. O que ela sentia enquanto me dava o abrigo de seu ventre? Até que ponto os seus sentimentos de então influenciavam o que eu sentia? Até que ponto influenciaram quem eu me tornei? (Volta o som de ondas do mar.) Eu não tenho memórias com a minha primeira mãe. Ela sempre esteve nesta foto, tirada com o mar ao fundo no verão de 54. Eu nasci no verão de 56 e sempre amei o mar... e o verão. Eu acho que ela, também. Ela parece alegre, talvez até feliz nessa foto. Sabem, eu preciso saber mais sobre a história dela. Eu preciso saber mais sobre mim...

(A projeção para e volta a escuridão, aos poucos dissipada por uma luz tênue. No centro do palco agora, apenas Anilda que, visivelmente grávida, aponta o dedo indicador para a plateia.)

Anilda (Sarcástica): Você é uma daquelas pessoas que acham que a maternidade é o sonho de toda mulher, não é? Que ela deseja ter alguém se formando em seu ventre, sentir os seus movimentos, dar-lhe a luz, amamentar esse alguém, acompanhar seu crescimento, vibrar com suas conquistas e até mesmo sofrer com suas decepções. Provavelmente você ache que ser mãe é uma “missão sagrada”. (Mãos unidas na altura do peito, como que em oração, rosto expressando ternura. Silêncio. Seu semblante vai mudando até ficar fechado.) Mas você já parou pra se perguntar o que sente uma mulher que, ao saber que tá grávida, descobre que possui uma doença terminal? Que não vai poder acompanhar o crescimento daquele serzinho, nem vibrar com suas futuras conquistas ou sofrer com suas decepções? A gravidez, que pra tantas é motivo de felicidade, pra mim é de pesar misturado com um sentimento de culpa, porque não vou poder cuidar dele. (Inspiração profunda, expiração triste, cansada.) Como se eu fosse culpada de estar condenada à morte... Dizem que a vida é uma benção, mas não será, neste caso, uma maldição? Abortar talvez fosse melhor... ou menos pior... Mas menos pior pra quem? Pra quem irá conhecer a morte antes mesmo de saber o que é a vida? Talvez... Afinal, será qualquer tipo de vida, qualquer qualidade de vida, melhor do que a morte? Sim, sim! Eu sei o que você vai dizer: que o maior interessado ainda não tem condições de responder, mas que ele sente. De alguma forma, dizem, antes de nascer, ele sente o que sua mãe sente. Sente o que nem ela mesma sabe descrever... Tudo o que ela sabe é que vai ser mãe novamente. E que vai morrer pouco tempo depois. (Silêncio)

Sim, eu vou morrer DEPOIS, mas não agora. AGORA, eu estou VIVA! Agora, eu QUERO VIVER o que puder, intensamente. Agora, eu AINDA SOU UMA MULHER. Entendam isso! Por favor, ME ENTENDAM...

(Volta a escuridão. Silêncio.)

Vera: Ah, mãezinha... Será que tu não chegou a pensar em me abortar? Eu certamente não te condenaria... Porque não deve ter sido nada fácil pra ti, não é? Tampouco foi fácil pra mim, quando criança. Não sou mais criança, longe disso. Mais de seis décadas se passaram desde que eu nasci e somente agora me dou conta de que, na maior parte desse tempo, eu não fui eu mesma. No início, não me permitiam. Eu tinha que “vencer na vida”. Eu tinha que tirar o primeiro lugar nos estudos. Eu tinha que ser grata. Em meio a uma vida em que eu não tinha quase nada, eu não tinha o direito de reclamar de nada. Os anos foram passando e me acostumei a ser quem queriam que eu fosse. Sem questionar, não me permiti ser quem eu era. (Breve silêncio.)

Então, como que de repente, senti que precisava encontrar a verdadeira eu, aquela pessoa que vivia escondida dentro de mim há tanto tempo. Dar-lhe voz. Libertá-la. Talvez, uma de nós duas morra quando isso acontecer... Talvez se tornem até amigas e convivam em harmonia, cada uma respeitando a outra... Talvez briguem entre si... Eu não sei, eu realmente não sei! Neste momento, não sei nem qual das duas está aqui.

(Aos poucos, a escuridão diminui. Uma outra foto é projetada, e nela se vê uma menininha de uns 2 anos em um carrinho.)

Vera (Dirigindo-se agora ao público): Minha mãe teve 6 filhos: o primeiro aos 14 anos, e mais 4 nos 7 anos seguintes; eu nasci um ano e meio antes dela morrer. Ela tinha apenas 29 anos. Ninguém deveria morrer tão jovem, principalmente quando tem filhos pequenos. Eu não sabia muita coisa dela até uns dias atrás, quando fui conversar com um dos meus meio-irmãos. Eu precisava saber mais sobre ela. Porque a minha história começa nela, antes mesmo de eu nascer. Numa “produção solo”, filha de mãe, apenas... Uma vez, me disseram que ela tinha me registrado antes de ir para Barros Cassal, morrer junto aos meus avós. Daí, depois da visita ao meu irmão, criei coragem e fui no cartório tirar uma segunda via daquela certidão. Pra ter algo a

mais dela, o nome dela como minha mãe... Mas descobri que tinha vivido uma ilusão por décadas. A única certidão que existe com o meu nome foi feita quando eu já tinha 7 anos, pra me matricular na escola. É a certidão que sempre usei, dizendo que eu nasci em outra cidade, filha de uma outra mãe, com direito a testemunhas e tudo. E sem nome de pai. Era para eu ser “filha ilegítima”, independentemente de quem fosse minha mãe... Fiquei olhando pra funcionária. Eu devia estar com uma expressão de decepção e tristeza tamanha em meu rosto, que ela disse lamentar não poder me ajudar. Saí de lá cabisbaixa, caminhando bem devagar, meio que sem rumo, com um sentimento estranho, de um vazio muito grande, “anulada”. A verdadeira eu, a última filha da Anilda, nunca existiu oficialmente, vocês me entendem? Faz diferença a esta altura da minha vida? Pra mim, faz! Eu queria ler o nome dela como minha mãe, ter sido reconhecida por ela como filha, já que pelo meu pai eu sempre soube que não havia sido. Resolvi, então, conferir a ascendência da Anilda pra, sabendo o sobrenome dos nossos avós, encontrar algum parente que tivesse convivido com ela, quem sabe... Fui em um outro cartório e tirei uma segunda via da certidão de nascimento do meu irmão, aquele visitado pra saber sobre ela. Pra minha surpresa, ao invés de ser de origem alemã, o sobrenome dos nossos avós é italiano. Ao invés de “Henk”, ou qualquer outra grafia com a mesma leitura, é “Angelo”. Ou seja, mais uma mentira, pois outra história que me contaram é que ela tinha nascido a bordo de um navio de imigrantes alemães que veio pro Brasil no final dos anos de 1920. O que é verdade e o que não é em tudo o que eu sabia até agora? Talvez eu jamais saiba... Neste momento, vou costurando histórias, tentando tecer nossas memórias. É como se eu trouxesse minha mãe de volta a minha vida a cada fato novo que descubro, a cada vez que fecho os olhos e me vejo em seu ventre, escutando-a falar comigo.

(A projeção se apaga. Um foco de luz mostra Anilda em pé, de olhos fechados, acariciando delicadamente sua barriga. Além dela, eu, lá dentro, ainda em formação, também recebo esse carinho. Sons amplificados de batimentos cardíacos são ouvidos.)

Anilda (Com voz amorosa): Ah, minha criancinha... Como eu quero te ter em meus braços, te ninar, te amamentar... Eu prometo que vou te proteger com todas as minhas forças enquanto eu viver... E que vou te amar, mesmo depois de morrer...

(Lágrimas começam a rolar de seus olhos. Meus batimentos cardíacos mudam de ritmo e, ao

invés de diminuírem com a carícia, aceleram. A luz agora foca apenas a barriga de Anilda. Ela leva uma das mãos à boca como se fosse vomitar. Seus olhos se fecham. A outra mão permanece imóvel sobre sua barriga. Passados alguns instantes de náusea, senta-se em uma cadeira, olhos fitando o infinito.)

Anilda (respiração profunda): Nem acredito que já se passaram quase 15 anos... (Acaricia novamente a barriga, olha para ela e começa a contar-me sua história.) A gente não era exatamente como Romeu e Julieta, sabe? Nossas famílias eram pobres e mal se conheciam. Mas meus pais não queriam o nosso namoro. Os dele, provavelmente nem se importavam: “Prendam suas cabritas que o meu bode está solto”, não é? (Novo suspiro, desta vez acompanhado de um gesto de desaprovação com a cabeça. Em seguida, um sorriso um tanto malicioso.) “Esta cidade é pequena demais para o nosso amor”, ele disse. E eu concordei. Afinal, ele já tinha 17 anos, conhecia muito mais a vida do que eu, quatro anos mais nova. Mal sabia eu que havia tanto a aprender... Quando chegamos na capital, fiquei deslumbrada com a cidade grande e suas luzes, e a música que vinha dos bares... (Seu rosto se ilumina. Escuta-se a melodia de “Beija-me muito”. Levanta-se da cama e começa a cantarolar e dançar, como se estivesse abraçada em alguém. Olhos fechados, seus braços acariciam seu corpo, que se move de forma sensual.)

Beija-me, beija-me muito!

Quero sentir os teus lábios

Juntinhos aos meus!

Beija-me, beija-me muito

Como se fora este beijo

O beijo do adeus!

Beija-me, beija-me muito!

Como se o beijo pudesse

O amor sustentar!

Beija-me, beija-me muito

Como se fosses partir

Para não mais voltar!

(Anilda para de cantar e de dançar de repente. Seus olhos e lábios perdem o sorriso. Volta a sentar-se na cama. Eu, que estava tranquila com o balanço do seu corpo, me agito com a

mudança brusca. Anilda tem uma expressão de dor e segura sua barriga como se sentisse uma fígada.)

Anilda (Revoltada): Ele partiu mais de uma vez. E assim como partia do nada, do nada voltava... E eu... eu aceitava... Era coisa de homem. “Homem que é bem homem não se contenta com apenas uma mulher.” É... Mas a mulher tem que se contentar com um homem que sequer é só seu, que se divide em dois, três... Por que o homem e a mulher não são iguais? Ou melhor, não deveriam ser tratados como iguais, seres humanos, simplesmente?

(Respiração ofegante, suas sobrancelhas se contraem, suas mãos se fecham, punhos fortemente cerrados sobre seu colo. Leva mais uma vez a mão à boca. Respira fundo procurando se tranquilizar. Eu me aquieto em seu ventre.)

Vera: Meu irmão me contou que tem outros irmãos, que não são meus irmãos. Suas idades regulam com a dele, pra mais e pra menos... Eu só queria saber como foi que tu não deu um fim naquilo tudo, mãe! Ah, tá... “Eram outros tempos...” É sempre essa a explicação, né?

Anilda: Ah, filhinha... como eu queria ter tido coragem pra dizer “basta”! A mesma coragem que eu tive quando deixei a casa dos meus pais pra fugir com ele. (Fica em silêncio, olhos fechados, como que para ativar as lembranças.) Não, não era coragem. Era aquele fogo me queimando, me empurrando para os braços dele. Foi o meu primeiro homem... Eu pensava que ele seria o único... E, na minha inocência e burrice, que eu seria a única. Que ele não era como os outros homens. Acho que nunca fui só eu. Talvez bem no início. Mas depois que eu tive tua segunda irmã, ele começou a se ausentar de casa. Dizia que tinha que viajar a trabalho. Daí, ficou sem trabalho, mas continuou se ausentando, cada vez por mais tempo. E eu acabei indo morar na casa de uns parentes dele, de favor. Com as tuas maninhas. Sabe o pão que o diabo amassou? Muito eu comi... Pra piorar, a menor era doentinha. “Deus escreve certo por linhas tortas”, me falavam. “Foi poupada de sofrer as maldades deste mundo”, diziam, tentando me consolar. Ele voltou pro enterro e ficou um tempo comigo. Deve ter sido pra me consolar... Mas quando eu menos esperava, sumiu de novo. De certo, eu não precisava mais de consolo. E minha barriga já tava grande, incomodando... Ele só voltou quando eu não tava

mais de barriga, pra conhecer teu mano, nosso primeiro filho homem. E pra fazer outro em mim... Curiosamente, não foi embora em seguida. Meses se passaram e nasceu outro menino. Era doentinho também, como a irmãzinha que já tava no céu. Chorava todo o tempo. O pai deles ficava nervoso. Eu tinha até achado que daquela vez ele não iria embora. Mas eu tava enganada. Acho que eu nasci pra me enganar e ser enganada... A verdade pode ser muito cruel e dolorida. Às vezes, é melhor não saber a verdade...

Vera: Das coisas que meu irmão me contou, das duas, uma: ou tu era muito inocente, mãe, ou muito burra! E o teu marido não valia nada! Eu tive mais sorte em não ser filha dele do que sempre tinha pensado, pelas coisas que escutava quando criança. Além de não ter mantido os filhos na escola, após a tua morte, era um mentiroso, um traidor! Ah, sim, claro: ele era homem, então, tava tudo bem... Ai, que ódio que isso me dá! Ah, se fosse eu no teu lugar...

Anilda: Aos 20 anos eu já tinha perdido uma filha, e tinha medo de perder mais um. Eu tava sem forças e não sabia mais o que fazer. O menorzinho precisava de muito cuidado, vivia no médico. Quase não sobrava tempo pra dá atenção aos outros dois. “Ah, se o pai deles voltasse”, eu pensava. Mas não bastava só voltar, tinha que ficar. Por que será que ele não ficava? Vai ver a família dele tava certa quando dizia que a culpa devia ser minha...

Vera: Eu fico só te imaginando, mãe, tão nova, cheia de filhos e sem apoio. Porque o tal pai dos meus irmãos só era presente para fazer filho, em ti e em outras... E o vô e a vó moravam no interior e praticamente não vinham à capital. Eu não consigo parar de me perguntar o que eu teria feito no teu lugar... Na verdade, eu não sei. Eram outros tempos, outros valores, outras maneiras de pensar, de agir... Eu simplesmente não sei...

Anilda: Sabe, filhinha, deve ter sido Deus que mandou o pai vir aqui pra saber de mim e dos netos. Ele me disse que tinha pesadelo, que tava num velório e chorava muito. Era o velório de um anjo. Não deu tempo dele vir quando tua maninha morreu. Quando ele ficou sabendo do teu maninho doente, ficou com medo dele também morrer e ele estar longe. E ter mais pesadelo. Então, quando ele viu que eu tava sozinha com teus maninhos, ele achou melhor nos levar pra Barros Cassal, pra

morar com eles. “Tu tá sem marido, mas não tá sem pai e sem mãe”, ele me disse. Ah, pai, foi tão bom tá de novo lá com vocês! Com a mãe me ajudando com as crianças... Vó é vó, né?Elas têm mais paciência, e a mãe sabia sarar quase tudo que é doença... Teu maninho foi ficando mais forte, até ficar bom. Daí, quando as coisa tavam indo bem, o pai deles apareceu. Disse que tava com saudade. Que nosso lugar era com ele. Que sentia falta de nós, de mim... Por que eu não acreditaria nele? Só porque ele tinha nos abandonado pelo menos umas 3 vezes antes? Ah, mas eu queria acreditar que daquela vez seria diferente... Como eu fui idiota! Então, voltamos pra capital. Nos primeiros meses, tudo bem, até que comecei a enjoar. E a vomitar... Eu sempre tive pavor de vomitar. Ele sempre teve pavor de me ver vomitando. Acho que por isso resolveu que não veria mais. E então, “partiu para não mais voltar”.

Vera (Falando com o público): Meu mano me disse que teve sorte do nosso avô ter levado a mãe e todos eles pra casa. Não fosse isso, talvez ele tivesse morrido. As mulheres mais antigas sabiam benzer contra tudo. E a vó, além disso, conhecia umas ervas milagrosas, que curaram o meu mano. Pena que eu não conheci a minha avó, quer dizer, pena que eu não me lembro dela e nem do vó. E que não tenho nem mesmo uma única foto deles... Mas pena maior ainda foi a vó não saber de nenhuma benzedura contra aquele marido da nossa mãe!

Anilda (Continua falando comigo em seu ventre): Quando teu maninho nasceu, tua mana tinha 8 anos e me ajudava a cuidar dos irmãos. Já servia pra ela aprender, caso o destino dela também fosse botar filho no mundo, como eu... Ah, o destino... Se eu soubesse o que ele ainda iria me aprontar... A vida nunca foi fácil pra mim. Como as crianças ainda eram muito pequenas, o pai delas mandava algum dinheiro pra comida. Eu tinha que fazer milagre com a miséria que ele nos dava... A gente morava numa casinha construída nos fundos do pátio dos meus sogros, sem água corrente e sem luz. As crianças ganhavam roupas e calçados usados, que depois eram passados de uma pra outra, não importando o estado em que estivessem. Coitado do menorzinho... É... as coisas não foram fáceis pra nenhum de nós... Aí, em um dado momento, eu cansei de esperar que o pai deles voltasse e fui à luta! Com a única arma que eu tinha... (Suspiro profundo e um breve silêncio.) Contei com o apoio de uma das minhas cunhadas, que sabia como ganhar a vida. Ela me

emprestava uns vestidos tão bonitos... Eu vestia eles, me pintava e me achava bonita também... Então, num dia em que eu estava lá na praça onde sempre íamos, percebi que estava sendo olhada... Não era um olhar qualquer. Era um daqueles olhares que enxergam através da tua roupa, que vão até o fundo da tua alma e te perturbam, te roubam a paz. Mas, mesmo assim, ou talvez por isso, meus olhos não conseguiam evitá-lo. Naquele dia, e nos dias seguintes, ficamos apenas no olhar. Isso foi um dos motivos que me atraíram nele. Ele era diferente dos outros. Os outros não ficavam apenas olhando de longe. Então, no dia em que ele finalmente se aproximou de mim, foi pra valer. E era como se eu estivesse vivendo um conto de fadas adulto... Mas nem todos os contos têm um final feliz. Numa tarde em que fui pra praça, ansiosa por causa da novidade que eu tinha pra contar, ele não apareceu. E nem na tarde seguinte. E nem na outra... Aos poucos, minha barriga começou a crescer, até chegar num ponto em que não podia mais ir pra praça. Até hoje eu não sei porque ele nunca mais apareceu por lá. No fundo, o que me dá mais pena é que tu perdeu o teu pai sem nunca ter tido. E que eu não estarei aqui para compensar essa perda. Que Deus, se um deus existir, te compense te protegendo por toda a tua vida!

Vera: Eu estou terminando de escrever este texto e ainda não tenho grandes certezas sobre a história da minha mãe, nem sobre a minha verdadeira origem, a minha história antes de eu nascer. Mas isso não me importa agora... Porque, escrevendo a partir do que consegui descobrir sobre ela, acabei criando nossas memórias. Eu estou com ela cada vez que fecho os olhos e me vejo em seu ventre, escutando-a falar comigo, sentindo o que ela – eu acho – sentia. Eu me sinto nela e a sinto em mim. A minha imaginação nunca voou tão livre, e ela está de volta à minha vida. Eu, adulta, estou convivendo comigo mesma enquanto feto e sentindo novamente a proteção e o amor da minha mãe, o que por muitos anos eu tinha esquecido. E é através desse amor, esse sentimento incomensurável, que nos comunicamos, sem usar palavras convencionais, limitantes. Hoje, eu penso nela e sinto saudades de momentos não compartilhados, e de lágrimas de alegria que não choramos juntas. A trajetória dela foi muito diferente da minha. Ela teve um pai e uma mãe. Eu tive duas mães. Eu me graduei aos 23 anos e casei aos 27, quando fazia meu segundo curso superior. Ela fugiu com o namorado aos 13 e, quanto muito, concluiu o Curso Primário. Diferentemente dela, que teve 6 filhos, eu tive 3. Lembro do quanto eu

pedia a Deus para não morrer enquanto meus filhos fossem crianças, como aconteceu com ela... Diferentemente dela, vi todos eles crescerem. Agora, meus filhos já são adultos, e eu, com 67 anos, diferentemente dela, ainda não morri...

ANEXO A – Minha Certidão de Nascimento de Inteiro Teor

Calçadão Tapir Rocha, 17, Salas 203 - Bairro Centro
Viamão - RS (51) 3191.3464 / (51) 9999.1111

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE NASCIMENTO DE INTEIRO TEOR

MATRÍCULA:
098087 01 55 1963 1 00021 140 0011797 12

Certifico que, sob a matrícula acima, encontra-se o registro de nascimento de Vera Lúcia Pereira dos Santos com o seguinte teor:

"Aos dezoito de fevereiro de mil novecentos e sessenta e três, nesta cidade de Viamão, Estado do Rio Grande do Sul, no Cartório do Registro Civil, compareceu a senhora Gezilda Pereira dos Santos, doméstica e declarou que em sua residência, à Vila Santa Isabel neste município, no dia vinte e oito de janeiro de mil novecentos e cinquenta e seis, às dezoito horas, nasceu uma criança de cor branca do sexo feminino que se chama: "Vera Lucia Pereira dos Santos", filha ilegítima dela declarante, que é natural deste Estado, residente à Vila acima citada. São avós: paternos: ignorados e maternos: Geralcino Pereira dos Santos e Mercedes Ribeiro Pereira. Registro de acordo com o decreto Lei 765 de 14 de julho de 1949. E, para constar faço este termo, que lido e achado conforme vai assinado pela declarante e as testemunhas: Emilio Ribeiro da Silva, professor e José Ribeiro de Assis, carpinteiro, naturais deste Estado, residentes neste município. Eu, Ruth Maria Fraga Bernardes, suboficial o escrevi e assino. O suboficial:" (Ass.:) "Ruth Maria Fraga Bernardes; Gezilda Pereira dos Santos; Emilio Ribeiro da Silva; José Ribeiro de Assis". "ANOTAÇÃO". "Certifico que a registrada ao lado VERA LÚCIA PEREIRA DOS SANTOS, foi emancipada através de sentença judicial em data de 23/9/1974, proferida pelo Exm.º Sr. Dr. Luiz Felipe Vasques de Magalhães, Juiz de Direito substituto da 2.ª Vara desta Comarca de Viamão, em mandado de inscrição de emancipação expedido pelo 2.º Cartório Judicial desta Comarca, e extraído dos autos do pedido de emancipação, número 1.255/162, e que aqui fica arquivado. Em firmeza do que, digo. O referido é verdade e dou fé. Viamão, 09 de outubro de 1974. Eu Laerte Tadeu Galvão Medeiros, escrevente o escrevi. O oficial:" (Ass.:) "Marco Antônio da Silva Bueno". "ANOTAÇÃO: A registrada casou a 09/02/1983, com Cláudio Arêdes Rodrigues, passando ela a chamar-se: VERA LÚCIA PEREIRA DOS SANTOS, conforme termo lavrado no L.º B-12, fl. 298, sob n.º 6779, do Registro Civil da 5.ª Zona de Porto Alegre, RS, e divorciou-se por Escritura Pública lavrada a 09/07/2009 no 1.º Tabelionato de Notas de Porto Alegre, RS, sob n.º 09155.416, fl. 112 do L.º n.º 393 de Contratos, cujos bens foram partilhados. Viamão, 21/07/2009." (Ass.:) "Maria Clair Machado Guimarães, Substituta". "0737.03.0900006.00200". "VER FOLHA "UV" DO ÍNDICE." "Anotação: Vera Lúcia Pereira dos Santos, registrada sob n.º 11797, à folha 140 deste livro, contraiu segundas núpcias a 27/01/2014 com Henrique Campo e manteve o nome de solteira, conforme termo n.º 41286, à fl. 142 do L.º B-120 do Registro Civil da 4.ª Zona de Porto Alegre, RS, donde veio comunicação de protocolo n.º 1028/2014 via Internet. Viamão, 30 de janeiro de 2014." (Ass.:) "Francisco de Assis dos Santos, Oficial". "Averbação: Vera Lúcia Pereira dos Santos, registrada sob n.º 11797, à folha 140 deste livro, conforme provimento n.º 63 de 14/11/2017, art. 6.º § 3.º averbo para todos os efeitos que a registrada é portadora do CPF n.º 238.034.520-15. Viamão, 14 de outubro de 2021. Selo: 0737.00.2100001.04648." (Ass.:) "Maria Clair Machado Guimarães, Oficiala Designada".

Ofício de Registro Civil das Pessoas Naturais
Titular do Ofício: Maria Clair Machado Guimarães, Oficiala Designada
Viamão - RS
Calçadão Tapir Rocha, 17, sala 203 - Bairro Centro
Fone: (51) 31913464 - E-Mail: registrocivilviamao@yahoo.com.br

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Viamão, 16 de outubro de 2021.

Maria Clair Machado Guimarães
Oficiala Designada

011324153 BRP

ANEXO B – Foto de Anilda em Tramandaí-RS–Verão/1954 (Autor desconhecido)

